



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA



GUSTAVO JOSÉ DE SANTANA

O BREAKING E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA E O ESPORTE:
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA NA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS

CAMPINAS
2022

GUSTAVO JOSÉ DE SANTANA

O BREAKING E SUA RELAÇÃO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA E O ESPORTE:
UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA NA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS CULTURAIS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Graduação da Faculdade de
Educação Física da Universidade Estadual
de Campinas para obtenção do título de
Bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Mário Luiz Ferrari Nunes

Coorientador: Prof. Me. Alex Natalino Ribeiro

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE A
VERSÃO FINAL DA MONOGRAFIA
DEFENDIDA PELO ALUNO GUSTAVO JOSÉ
DE SANTANA E ORIENTADO PELO PROF.
DR. MÁRIO LUIZ FERRARI NUNES E
COORIENTADO PELO PROF. ME. ALEX
NATALINO RIBEIRO.

Campinas
2022

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Dulce Inês Leocádio - CRB 8/4991

Sa59b Santana, Gustavo José de, 1993-
O breaking e sua relação com a educação física e o esporte : uma revisão bibliográfica na perspectiva dos estudos culturais / Gustavo José de Santana. – Campinas, SP : [s.n.], 2022.

Orientador: Mário Luiz Ferrari Nunes.

Coorientador: Alex Natalino Ribeiro.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Breaking. 2. Educação física. 3. Esportes. 4. Cultura. 5. Hip-Hop. I. Nunes, Mário Luiz Ferrari. II. Ribeiro, Natalino Alex. III. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. IV. Título.

Informações adicionais, complementares

Título em outro idioma: Breaking and its relationship with physical education and sport: a bibliographic review from the perspective of cultural studies

Palavras-chave em inglês:

Breaking

Physical education

Sports

Culture

Hip-Hop

Área de concentração: Educação Física e Sociedade

Titulação: Bacharel

Banca examinadora:

Flávio Nunes dos Santos Júnior

Franz Carlos Oliveira Lopes

Data de entrega do trabalho definitivo: 18-07-2022

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. Mário Luiz Ferrari Nunes
Orientador

Prof. Me. Alex Natalino Ribeiro
Coorientador

Prof. Dr. Franz Carlos Oliveira Lopes
Membro da Banca

Prof. Me. Flávio Nunes dos Santos Júnior
Membro da Banca

AGRADECIMENTOS

Esse texto precisa ser citado por pessoas que foram importantes em toda a caminhada até o término desta graduação. Primeiramente destaco minha família, em especial minha mãe, Dona Creuza, minha irmã Julia, meu irmão Julio Cezar e minha esposa Andrea. Sem o incentivo, respaldo e o apoio deles, seria impossível a realização deste trabalho. Ah, não posso esquecer das broncas também, que forma importantes nesse processo.

Outros personagens importantes dessa história são os meus orientadores, Prof. Dr. Mário Nunes e Prof. Me Alex Ribeiro. O Mário sempre foi muito solícito e atencioso comigo, desde o meu primeiro dia de aula na FEF, quando me acolheu em sua aula, mesmo eu não sendo aluno de sua turma. Depois dali, conversei com ele sobre minha história e a intenção de continuar estudando a Cultura Hip Hop na graduação do bacharelado (como fiz na licenciatura em outra universidade). Já na nossa primeira conversa formal, o Mário fez questão de lembrar da responsabilidade de estar num espaço importante para a ciência brasileira, como a Faculdade de Educação Física da Unicamp (FEF) e, que a partir dali trabalharíamos juntos para pesquisar o Hip Hop na perspectiva do Currículo Cultural da Educação Física. Com o Alex a nossa parceria foi estabelecida no final da graduação, quando depois de uma reunião do Grupo de Orientandos (GO) do Prof. Mário ele se colocou à disposição para me ajudar, já que tem uma estreita relação com o Hip Hop e poderia me coorientar para solucionar algumas dúvidas que tinha com relação ao Breaking. E falando justamente no GO, fica aqui meu agradecimento pelas dúvidas solucionadas pelos orientandos do grupo, como o André, a Halana, a Bárbara, a Marina e o João Mazzucatto.

Por fim, agradeço imensamente aos parceiros que a FEF me proporcionou para a vida, como o Gabriel, o Ricardo e o João Silvério. Pessoal, vocês foram muito importantes para minha caminhada. Acrescentaram demais na minha formação como ser humano. Muito obrigado!

“Prepare as algemas, forme o inquérito, abra o processo que eles estão de volta, sem freio na língua, sem meia verdade, história engraçada ou frase bonita. Facção Central, Chico Xavier do Gueto, pondo no papel o que Deus manda, no palco da noite é a munição traçante. O soldado que prefere ser morto do que ser o soldado que municia o inimigo. Não é letra violenta não, cuzão, é a música cantada com o coração. Facção não faz rap pra você, boy, grupo invejoso, Zé povinho, estamos cagando e andando pra opinião de vocês. Extremista célula terrorista, enquanto Deus por ar nos pulmões vamos ser o avião fazendo estrago de ouvido a ouvido. Vitória não é carro, dinheiro e vagabunda. Injetar ódio no cérebro do conformado, informação no desinformado e autoestima no derrotado. Vive muito boy, não gosto de você, mas não quero seu sangue derramado com as nossas mãos, não quero um dos meus vencendo através do seu cadáver. Vive muito pra um dia ver a favela vencer. Eu acredito muito nisso, pra quem tem fé e persistência tudo é possível. Aí, tinha dois moleques lá no cortiço do centro, que ninguém dava uma moeda e mesmo assim eles derrubaram as portas, sobreviveram ao teste, as coronhadas da polícia, fome, e hoje, acredita se quiser, tão aqui tirando seu sono. Passaram de quinta série de escolaridade a PHD em vida, Eduardo e Dum Dum doença que contagia as almas sem voz, certificado de atitude concedido pela favela. Aí, desempregado, doente, órfão, faminto, mendigo, detento, viciado, menor de rua, iludido ou sem ilusão, não importa quem é você, se você tem periferia no peito você é parte de mais um capítulo da nossa história. Direto do campo de extermínio.”

Chico Xavier do Gueto. Facção Central
Álbum: “Direto do Campo de Extermínio”

SANTANA, Gustavo José de Santana. **O breaking e sua relação com a educação física e o esporte**: uma revisão bibliográfica na perspectiva dos estudos culturais. 2022. 77f. Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2022.

RESUMO

O Breaking enquanto dança é um dos quatro elementos da cultura Hip-Hop, recentemente foi considerado pelo Comitê Olímpico Internacional (COI) como esporte olímpico. Sendo assim, este trabalho objetiva identificar quais são as produções acadêmicas que relacionam o Breaking com a Educação Física, Esporte e os Jogos Olímpicos/Olimpíadas, a partir da revisão de literatura, como foco principal em estudos a partir de 2018, ano em que ocorreu o primeiro evento oficial organizado pelo COI em que esta dança aparece como modalidade esportiva olímpica (Jogos Olímpicos da Juventude - JOJ, Buenos Aires, 2018). Os trabalhos foram pesquisados nas plataformas *Lilacs*, *Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES*, *Google Scholar* e *SciELO*, convergindo em resultados apenas nas três primeiras. De um total de 121 trabalhos encontrados, foram objeto de análise 12 que tinham como foco central o Breaking na relação direta com a Educação Física e com o Esporte, com destaque para Salviano (2018) – “Breaking e desenvolvimento motor: processo de ensino e maturação do movimento especializado freeze”; Dias (2018) – “Por uma pedagogia hip-hop: o uso da linguagem do corpo e do movimento para a construção da identidade negra e periférica” e Correia; Da Silva; Ferreira (2017) – “Do racha na rua à batalha no palco: cenas das danças urbanas”. Sendo assim, esta revisão de literatura também visa discutir quais são os saberes produzidos sobre o Breaking nessas 12 produções, e analisá-los a partir da perspectiva dos Estudos Culturais (EC), campo acadêmico interdisciplinar, composto por pensadores que dialogam com os referenciais pós-estruturalistas, pós-modernos e pós-críticos. Consideramos que este recorte de pesquisa refletiu uma heterogeneidade de discursos, identidades e finalidades acerca do Breaking, entre elas o reforço de uma prática desportiva para o desenvolvimento físico e intelectual de seus praticantes, numa perspectiva biopsicossocial de formação de sujeito, bem como produções que se debruçaram em perspectivas estéticas, reflexivas e de representação para as culturas juvenis, sejam elas tensionadas por bases epistemológicas críticas, com características de estabelecer um “resgate” cultural e permanência de suas características, ou aquelas que se propõem a entender os percursos e influências concretas e simbólicas que permeiam os praticantes dessa dança, aqui categorizada como “visão pós-crítica”.

Palavras-Chaves: Breaking; Educação física; Esportes; Cultura; Hip-Hop.

SANTANA, Gustavo José de Santana. **Breaking and its relationship with physical education and sport**: a bibliographic review from the perspective of cultural studies. 2022. 77f. Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas. Campinas. 2022.

ABSTRACT

Breaking while dancing and one of the four elements of Hip-Hop culture, was recently considered by the International Olympic Committee (IOC) as an Olympic sport. Therefore, this work aims to identify which are the academic productions that relate Breaking with Physical Education, Sport and the Olympic Games/Olympics, from the literature review, as the main focus in studies from 2018, the year in which it occurred. the first official event organized by the IOC in which this dance appears as an Olympic sport (Youth Olympic Games - JOJ, Buenos Aires, 2018). The works were searched on the platforms *Lilacs*, *Catalog of CAPES Theses and Dissertations*, *Google Scholar* and *SciELO*, converging in results only in the first three. Of a total of 121 works found, 12 were the object of analysis that focused on Breaking in the direct relationship with Physical Education and Sport, with emphasis on Salviano (2018) - "Breaking and motor development: teaching and learning process". maturation of the specialized freeze movement"; Dias (2018) – "For a hip-hop pedagogy: the use of body language and movement for the construction of black and peripheral identity" and Correia; Da Silva; Ferreira (2017) – "From the street split to the stage battle: urban dance scenes". Therefore, this literature review also aims to discuss the knowledge produced about Breaking in these 12 productions, and to analyze them from the perspective of Cultural Studies (EC), an interdisciplinary academic field, composed of thinkers who dialogue with post-graduate references. -structuralist, post-modern and post-critical. We consider that this research cut reflected a heterogeneity of discourses, identities and purposes about Breaking, among them the reinforcement of a sport practice for the physical and intellectual development of its practitioners, in a biopsychosocial perspective of subject formation, as well as productions that focused on aesthetic, reflective and representational perspectives for youth cultures, whether they are tensioned by critical epistemological bases, with characteristics of establishing a cultural "rescue" and permanence of its characteristics, or those that propose to understand the paths and concrete influences and symbols that permeate the practitioners of this dance, here categorized as "post-critical vision".

Keywords: Breaking; Physical education; Sports; Culture; Hip-Hop.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Resultado busca base de dados Google Scholar.....	25
Gráfico 2 - Divisão principal (temática central e marginal do Breaking)	26
Gráfico 3 - Características dos trabalhos (TCC's, artigos, mestrados e doutorados)	32
Gráfico 4 - Local e tipo de publicação dos trabalhos	33
Gráfico 5 - Ano de publicação dos trabalhos	34
Gráfico 6 - Áreas de conhecimento dos trabalhos	35
Gráfico 7 - Quais as principais fontes que os trabalhos usam para falar do Breaking...	36

LISTA DE TABELAS

Tabela 1.....	27
Tabela 2.....	29
Tabela 3.....	30
Tabela 4.....	30
Tabela 5.....	31

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	41
Figura 2.....	42
Figura 3.....	42
Figura 4.....	43

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

EC	Estudos Culturais
MC	Mestre de Cerimônia
DJ	Disc Jockey
COI	Comitê Olímpico Internacional
JOJ	Jogos Olímpicos da Juventude
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UEFA	União das Associações Europeia de Futebol
FIFA	Federação Internacional de Futebol Associado
DeCS	Descritores em Ciências da Saúde

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 OBJETIVOS DA PESQUISA.....	19
3 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA.....	20
4 MÉTODO	23
5 A EFERVESCÊNCIA DA CULTURA HIP-HOP	37
5.1 O Breaking na Cultura Hip Hop	39
6 REFERENCIAL TEÓRICO	44
7 DISCUSSÃO.....	52
7.1 Relação da Educação Física, do Esporte com o Breaking: quais os discursos predominantes?	52
7.1.1 Visão Biopsicossocial	53
7.1.2 Visão Crítica do Breaking.....	56
7.1.3 Visão Pós-Crítica do Breaking.....	63
7.2 Quais são as fontes que falam sobre o Breaking?	68
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	73

1 INTRODUÇÃO

A Cultura Hip-Hop entrou na minha vida através do *Rap*, a principal trilha sonora do Capão Redondo¹ no final dos anos 1990, começo dos anos 2000. Alguns álbuns de grupos de Rap, como Racionais MC's – Raio X do Brasil (1993) e Sobrevivendo no Inferno (1997), e do grupo Facção Central – Direto do Campo de Extermínio (2003), retratavam e refletiam em suas letras o cotidiano da periferia paulistana, desde a falta de acesso aos direitos básicos previstos na Constituição de 1988, como o lazer, o esporte, a moradia, a educação e saúde, até o racismo e os conflitos gerados pela desigualdade social, como o tráfico de drogas e a repressão policial.

Com o tempo, passei a observar que aquela forma de produção artística consistia numa maneira de expor os problemas do cotidiano local de uma forma muito contundente, criando um ambiente de crítica social poderosa, além de possibilidade de mudança significativa na perspectiva de vida dos jovens que cresciam nesse contexto, possibilitando assim uma oportunidade de romper padrões pré-estabelecidos de perspectiva de futuro, como o ingresso na universidade (pública), por exemplo. No entanto, mais do que apenas demonstrar algumas possibilidades de futuro, o discurso ao qual me identifique encontrava-se num olhar mais profundo desses problemas relatados nas músicas, de quais eram suas origens e de como poderíamos chegar a uma justiça social de fato.

Todo esse contexto de identificação com os problemas do dia a dia ajudou a construir um sentimento de representatividade de âmbito nacional, pois ao falar em Capão Redondo, muita gente passou a conhecer o lugar da minha origem e, que, de certa forma, era o retrato de tantas outras periferias Brasil afora.

É sobre esses processos de identificação, representação e diferenciação que um campo teórico de estudo e pesquisa me ajudou, já na graduação, a compreender

¹ Distrito da região sudoeste da cidade de São Paulo.

como são construídos determinados dogmas e paradigmas sociais, dos quais muitas pessoas acreditam fielmente que não podem ser mudados e nem refutados.

Esse acontecimento acadêmico denominado Estudos Culturais (EC) se caracteriza como um campo interdisciplinar, transdisciplinar e contra disciplinar, que tem como objetivo romper com a noção binária do modo de pensar moderno, como a “alta” cultura versus a “baixa” cultura. Enfatiza que todas as formas de produção cultural precisam ser estudadas, comprometido, pois, com a investigação de todas as artes, crenças, instituições e práticas comunicativas de uma sociedade (NELSON; TREICHLER; GROSSBERG, 2009; HALL, 1997). Esses preceitos teóricos auxiliam-me a olhar o fenômeno social do Breaking, a dança que representa um dos quatro elementos do Hip-Hop (MC – Mestre de Cerimônia; DJ – Disc Jockey; Breaking e o Grafite).

Um ponto inicial que me levou a estudar essa dança foi tentar compreender como uma prática corporal/cultural que era produzida nas bordas, à margem da sociedade, tornou-se esporte olímpico. Ao perceber que para investigar essa questão possivelmente teria que produzir uma dissertação ou até mesmo uma tese, devido à complexidade e profundidade do tema, decidimos então por fazer uma revisão bibliográfica que abordasse o universo do Breaking com a Educação Física/Educação. Nesse sentido, me proponho a identificar quais são as produções acadêmicas que relacionam o Breaking com a Educação Física, o Esporte e as Olimpíadas/Jogos Olímpicos.

Assim, encaro o Breaking como um elemento basilar de uma cultura periférica denominada Hip-Hop, que, enquanto cultura mais ampla teve toda a sua produção, especialmente no contexto brasileiro, questionada, estereotipada, criminalizada, devido ao seu histórico de massificação nas camadas populares desse país, negra, prioritariamente. Assim, reforço a importância de estudar essa prática corporal, que atualmente, é denominada como esporte olímpico, de acordo com o Comitê Olímpico Internacional (COI).

Tendo em vista as diversas visões sobre a Educação Física, o Esporte e o Breaking, a hipótese levantada inicialmente consiste em encontrar produções que

reflitam essa heterogeneidade, com trabalhos que reproduzam uma visão biopsicossocial e funcionalista da prática corporal, analisando-a como meio para alcançar um objetivo concreto e prático, como por exemplo, melhorar a coordenação motora; aumentar o condicionamento físico etc., além de produções que são antagônicas a essa perspectiva, isto é, que compreendem essa prática corporal como elemento da sociedade, passíveis de interpretações e mudanças, devido ao constante jogo de poder que estamos envolvidos, sejam eles de análises críticas e/ou pós-críticas.

Para tanto, realizei uma ampla revisão de literatura acerca da produção acadêmica sobre o Breaking, com enfoque principal a partir do ano de 2018, período em que foi realizado o primeiro campeonato de Breaking organizado pelo COI, nos Jogos Olímpicos da Juventude (JOJ)², em Buenos Aires, Argentina. Esse levantamento bibliográfico foi feito a partir de artigos originais, publicados em português nas bases de dados *Lilacs* e *Scielo* e de dissertações de mestrado e teses de doutorado nas universidades brasileiras disponíveis no *Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES*, além de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC's), como foco principal da base de dados *Google Scholar*. Vale salientar que inicialmente a ideia era usar apenas as bases de dados *CAPES*, *Lilacs* e *Scielo*, a fim de pesquisar artigos, dissertações e teses num recorte amplo de tempo. No entanto, ao usar os descritores escolhidos na pesquisa pelos operadores booleanos³ (“Hip Hop” AND “Break*” AND “Educação Física”; “Hip Hop” AND “Break*” AND “Esporte” e “Hip Hop” AND “Break*” AND “Jogos Olímpicos” OR “Olimpíadas”) o número de trabalhos encontrados foi ínfimo. Então, decidimos ampliar as bases de dados, incluindo o *Google Scholar*, para pesquisar também Trabalhos de Conclusão de

² Os Jogos Olímpicos da Juventude são um evento internacional multidesportivo, cuja primeira edição foi realizada em Singapura entre 14 e 26 de agosto de 2010. Os Jogos são realizados a cada quatro anos entre edições da mesma estação (Verão ou Inverno), tal como sucede com o atual formato dos Jogos Olímpicos. A idade dos participantes está limitada - os atletas só podem ter entre 15 e 17 anos.

³ Operadores booleanos são ferramentas de busca em indexadores de pesquisa que tem a finalidade de restringir ou ampliar os resultados da pesquisa. O termo AND fornece resultados para os dois termos digitados, restringindo-a. Já o NOT: inclui o primeiro termo e exclui o segundo buscados, o que também os resultados. O termo OR: apresenta a união dos termos digitados, ampliando, assim, o resultado da pesquisa. Palavras limita entre aspas (“): faz com que o termo seja considerado um só. Por exemplo, em “Educação Física”, resultados da área de Educação ou Física não aparecerão separadamente.

Curso (TCC's). Assim, o recorte temporal estabelecido anteriormente ficou muito extenso, devido ao número exacerbado de trabalhos encontrados, precisando, portanto, de um refino no filtro de período de publicação dos estudos. Como o recorte escolhido foi o ano de 2018, os trabalhos encontrados na base de dados anteriormente escolhidas (CAPES, Lilacs e Scielo) não foram desconsiderados no conjunto de obras encontradas que serão aprofundadas no Capítulo. 4 – (Método), estarão trabalhos anteriores a 2018. Destaco abaixo alguns desses estudos.

Primeiramente, agrupo estudos que se embasam em campos biopsicossociais para falar do Breaking, como Salviano (2018), que buscou entender e descrever os efeitos das aulas do Breaking no desenvolvimento da habilidade de movimento especializado (Freeze)⁴, tendo como sujeitos da pesquisa jovens com idade de 13 a 16 anos, sem experiência com dança, estudantes de uma escola estadual da zona leste de Manaus, Amazonas; e Miglioli (2021) visou analisar dois artigos que tratam a respeito do desenvolvimento psicomotor infantil. Um deles, denominado: “Street Dance e a Psicomotricidade” tem como objetivo apresentar a história do “Street Dance”⁵, e falar sobre os benefícios proporcionados por aulas estruturadas ao desenvolvimento psicomotor, podendo então ser uma alternativa de atividade psicomotora.

Outros estudos buscam compreender essa prática corporal no campo das ciências humanas, como Gonçalves (2018) que procurou investigar que conceitos e significados são atribuídos ao “Break” por estudantes de escolas públicas em Natal e região, assim como que contribuições eles acreditam que a abordagem da Dança do Movimento Hip Hop oferece para a Educação Física escolar; Dias (2018) objetivou analisar em que medida as expressões estéticas do hip-hop, em especial a dança Breaking, coadunam-se com a ideia de Béthune (2003) de telescopia histórica, de acordo

⁴ Movimento utilizado para finalizar a sequência de uma parte da coreografia, como forma de impactar, através da paralisação do corpo.

⁵ Termo equivocado para se referir o Breaking, devido ao trajeto de identificação dos elementos que compõem a dança (Top Rock; Footwork; Freeze e Power Move), presente tanto nas competições, quanto em discursos dos próprios dançarinos registrados em produções audiovisuais, tais como Rubbles Kings (2015) e Vvart (2017). A partir desse exemplo, todas as produções que, ao falar sobre o Breaking se expressarem como “Break”; “Breakdance”; “Street Dance”; “Danças Urbanas”; “Dança de Rua” terão o destaque com grifos, para diferenciar da forma que assumo como mais apropriada.

com a qual tais manifestações tenderiam a atualizar a tradição cultural afro-americana e afro-brasileira por meio de um olhar estético contemporâneo, como estratégia de luta e de fortalecimento sociocultural para a juventude negra e periférica; Vilela (1998), numa pesquisa de campo, investigou o cotidiano de “tribos” de dançarinos de “Break” e Funk Miami, nos bailes da cidade de Campinas/SP. Junto a este tema, foram levantados os dados e contextos dessas danças, vividas em momentos de ritos e festas, bem como pontos relevantes sobre sua significação na vida dos seus criadores; outra pesquisa de campo no viés de investigação antropológica é o estudo realizado por Correia, Silva e Ferreira (2017) que propôs analisar como as danças de rua, em especial o “Break” se ressignifica ao sair das ruas, descolando-se da sua origem, nas festas e eventos exclusivos da Cultura Hip Hop, para ganhar espaços dedicados exclusivamente à dança “Break” e outras modalidades das danças urbanas; por último destaque o trabalho produzido por Antunes (2021), com característica de revisão de literatura que tem o foco investigar as “danças urbanas” da cultura hip-hop, compreendendo como elas se desenvolvem, o que representam e de que forma beneficiam seus praticantes e pessoas inseridas nesse universo. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa e quantitativa que possui como objetivos: 1) fazer uma revisão do Hip Hop e das “danças urbanas” a partir de seus contextos históricos, culturais e como manifestação no campo do lazer e 2) analisar o Hip Hop e as “danças urbanas” a partir da produção acadêmica no período de 2005 a 2019. Esses são alguns dos textos que retratam essa heterogeneidade que representam as áreas da Educação Física e do Esporte no que diz respeito ao Breaking e suas manifestações.

Ao longo do texto, destaco nos próximos capítulos (2 e 3) os objetivos e justificativas dessa pesquisa. Neste último, especificamente, debruço-me a tensionar o movimento que as grandes instituições esportivas estão fazendo para usufruir das culturas juvenis, a fim de conquistar mais espaço em seu projeto político/econômico.

No capítulo 4, referente ao método, destrincho os achados em: (1) - Como o Breaking aparece no trabalho (*se é tema central ou marginal*); (2) - Qual a característica dos trabalhos (*se é Artigo, TCC, Mestrado ou Doutorado*); (3) - Quais são os locais de

produção desses trabalhos (*Universidade Pública, Universidade Privada e Qualis da Revista Científica*); (4) - Ano de Publicação; (5) - Áreas de Conhecimento que essas produções se enquadram; e (6) - Quais as fontes que os trabalhos usam para falar do Breaking? (a) *Entrevista com participantes da Cultura Hip-Hop/Breaking*; b) *Trabalhos acadêmicos sem relação direta com praticantes do Breaking*; c) *Pesquisa de Campo*; d) *Revisão de Literatura*. Já no quinto capítulo, falo sobre o Breaking como elemento da cultura Hip-Hop, sua trajetória e distorções narrativas entorno dessa manifestação, principalmente no território brasileiro. No capítulo seguinte, trago o referencial teórico que embasou a análise do trabalho, inicialmente destacando os objetivos e surgimento desse campo teórico e, posteriormente, relatando sua trajetória e vertentes, no que diz respeito aos estudos da cultura, identidade, diferença, representação e regulação. Nos últimos capítulos (sétimo e oitavo), a tarefa é discutir, amparados pelos EC, a forma que os trabalhos falaram sobre o Breaking e os principais saberes dessa produção cultural.

2 OBJETIVOS DA PESQUISA

Este trabalho teve como objetivo:

- Identificar quais são as produções acadêmicas que relacionam o Breaking com a Educação Física, Esporte e os Jogos Olímpicos/Olimpíadas.
- Discutir quais são os saberes produzidos sobre o Breaking nessas produções, e analisá-los a partir da perspectiva dos Estudos Culturais (EC).
- Colaborar de forma introdutória na compreensão do Breaking como transição de uma prática marginalizada para um esporte olímpico.

3 JUSTIFICATIVA E RELEVÂNCIA

Sobre a relevância desse trabalho, entendo que essa mudança do Breaking como esporte é algo relativamente novo, principalmente se consideramos a inserção dessa modalidade no calendário olímpico. O que já foi publicado em alguns veículos da mídia⁶ é que o evento dos Jogos Olímpicos da Juventude foi um laboratório para que o COI pudesse testar modalidades que fossem identificadas como o público jovem, sendo essas o Skate, o Surf, a Escala e o Breaking.

Esse movimento de trazer os jovens como consumidores de novas modalidades, vem de uma preocupação de grandes nomes que comandam o esporte mundial, como Florentino Pérez, presidente do clube de futebol mais vitorioso da Europa, o Real Madrid, em sua empreitada de criar a Superliga Europeia de Clubes, que foca em diminuir a importância da Champions League⁷ e enfraquecer as ligas nacionais, na justificativa de que os jovens não estão mais interessados em futebol na estrutura atual. Em sua opinião⁸, grande parte desse grupo só se interessa em produtos do universo digital, como os eSports⁹, ou Streamers¹⁰ e, assim, era preciso criar um produto

⁶ Acessar: THORPE, Holly; WHEATON, Belinda: Como surfe, skate, BMX e escalada esportiva entraram nas Olimpíadas. **Rede Brasil Atual**, 25 de jul. 2021. Disponível: <https://www.redebrasilatual.com.br/esportes/2021/07/surf-bmx-skate-escalada-novos-esportes-olimpicos/>. Acesso em: 06 de jun. 2022.

Acessar: UOL: Paris-2024 pode ser a última chance para skatistas brasileiros em Olimpíadas? **Portal UOL**, 05 de ago. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/olimpiadas/ultimas-noticias/bbc/2021/08/05/paris-2024-pode-ser-a-ultima-chance-para-skatistas-brasileiros-em-olimpiadas.htm>. Acesso em: 06 de jun. 2022.

Acessar: LAGUNA, Marcelo. Paris-2024 irá ampliar a ‘fonte da juventude’ olímpica. **Olimpíada todo dia**, 6 de dez. 2020. Disponível em: <https://www.olimpiadatododia.com.br/laguna-olimpico/293743-paris-2024-novos-esportes/>. Acesso em 06 de jun. 2022.

⁷ Principal campeonato de futebol de clubes do continente europeu, organizado pela UEFA.

⁸ Acessar: PLACAR: Pérez vê desinteresse de jovens e diz que “Superliga vai salvar o futebol”. Portal Placar, 23 de set. 2021. Disponível em: <https://placar.abril.com.br/placar/perez-ve-desinteresse-de-jovens-e-diz-que-superliga-vai-salvar-o-futebol/>. Acesso em: 06 de jun. 2022.

⁹ Competições disputadas em games eletrônicos em que os jogadores atuam como atletas profissionais de esportes tradicionais e são assistidos por uma audiência presencial e/ou online, através de diversas plataformas de streaming online ou TV. Para mais informações, acessar: CBES: O que são os eSports. **CBeS**. Disponível em: <http://cbesports.com.br/esports/esports-o-que-sao/#o-que-e-esports>. Acesso em: 06 de jun. 2022.

¹⁰ Streamers são profissionais que fazem transmissões ao vivo de jogos eletrônicos, vídeos em geral, e outros tipos de entretenimento. Essas transmissões acontecem através de plataformas de streaming, como a Twitch, Mixer, Facebook etc. Para mais informações, acessar: PUIATI, Julio. O que é Streaming?

mais atrativo para esse público, criando um campeonato de futebol só com os “atuais” grandes times de cada nacionalidade, para gerar o confronto constante desses gigantes, num formato dos esportes americanos, sem rebaixamento para a divisão de acesso.

Esse formato tem o intuito de gerar muitas receitas em publicidade, disputa para conseguir o direito de transmissão dos jogos entre as mídias tradicionais e os streamings¹¹, e gerar lucros exorbitantes para os times do topo da cadeia de poder do futebol europeu, em detrimento da imprevisibilidade que, dentro dos esportes mais praticados e consumidos no mundo, o futebol é o principal em proporcionar esse efeito inesperado, já que um clube de menor investimento/qualidade técnica e tática, consegue, por vezes, sair vencedor de partidas quando enfrenta times de maior patamar esportivo.

Esse movimento foi amenizado, por enquanto, pela União das Associações Europeias de Futebol (UEFA), devido ao fato da entidade máxima do futebol europeu e organizadora da Champions League ter especulado gerar punições e multas pesadas para os clubes idealizadores da proposta. Outros grandes clubes do futebol europeu se colocaram contra a proposta da Superliga europeia, como o Paris Saint-Germain¹², que tem afinidades políticas e econômicas com a UEFA e a Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA) e não quis romper com essa relação de interdependência.

Isto posto, está constatado que existe em nosso cotidiano um movimento de grandes instituições privadas, como clubes de futebol, confederações esportivas nacionais e internacionais em atrair o público jovem, a partir do que se produz

Veja significado e streamers famosos de jogos. **Portal Techtudo**, 20 de out. 2019. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/10/o-que-e-streaming-veja-significado-e-streamers-famos-os-de-jogos-esports.ghtml>. Acesso em 06 de jun. 2022.

¹¹ Streaming é a tecnologia capaz de transmitir dados através da internet sem a necessidade de baixar o conteúdo em um dispositivo. Os arquivos transmitidos com mais frequência envolvem imagem e áudio, sendo vídeos curtos, longos e músicas, porém, as opções são vastas, podendo incluir até mesmo textos e apresentações de slides. Para mais informações, acessar: PUJATI, Julio. O que é Streaming? Veja significado e streamers famosos de jogos. **Portal Techtudo**, 20 de out. 2019. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/10/o-que-e-streaming-veja-significado-e-streamers-famos-os-de-jogos-esports.ghtml>. Acesso em 06 de jun. 2022.

¹² O presidente do Paris Saint-Germain, Nasser Al-Khelaifi, que faz parte do governo do Catar, país este que sediará a próxima Copa do Mundo, tendo estas relações estreitas com a UEFA e com a FIFA.

culturalmente nesse nicho geracional, muitas vezes construídos nas margens sociais, para fazer uma transição e colocá-los no centro de disputas de poder, hegemonia e, por que não, de transfiguração de seu viés contestador, em detrimento do lucro, gerando novas noções de “verdades”, identidades, reconfigurando assim as marcas da diferença. Um exemplo disso é o Skate, que também se moldou como uma prática corporal de viés contestatório pelo uso alternativo dos espaços públicos de lazer e deslocamento da cidade, sendo esta proibida de ser praticada em locais públicos da cidade de São Paulo há pouco mais de 30 anos¹³.

Sendo assim, o primeiro passo para tentar colaborar na compreensão dessa transição é verificar como a academia está produzindo e observando a prática corporal do Breaking nesse cenário de disputa no viés da Educação Física e do Esporte, compilando-os numa revisão bibliográfica, para, posteriormente, avançar em estudos mais aprofundados, como produção de dissertações e teses, que irão destrinchar essas marcas de identificação, diferença e representação na transformação desse fenômeno cultural das juventudes em fenômeno esportivo midiático.

¹³Acessar: PIMENTEL, Guilherme. Skate chegou a ser proibido nos anos 80 em São Paulo: relembre a polêmica. **Portal G1**, 26 de jul. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/07/26/skate-chegou-a-ser-proibido-nos-anos-80-em-sao-paulo-relembre-a-polemica.ghtml>. Acesso em: 06 de jun. 2022.

4 MÉTODO

Este estudo é fruto de uma revisão sistemática de literatura sobre autores que se debruçam em investigar o Breaking, como um dos elementos da Cultura Hip Hop. Assim, quantifico estudos que relacionam o Breaking e o Hip Hop com a Educação Física, Esporte e os Jogos Olímpicos/Olimpíadas.

Para operacionalizar as buscas, primeiramente pesquisei os trabalhos que foram indexados em periódicos das bases de dados *Lilacs*, *Scielo* e o *Catálogo de Teses e Dissertações da Capes* utilizando operadores booleanos. As bases de dados *Lilacs* e *Scielo* foram escolhidas como fonte de artigos científicos originais em língua portuguesa, tendo em vista a relevância dessas fontes no ambiente científico no campo das ciências humanas. Para aumentar a capilaridade do objeto de estudo, utilizei o *Catálogo de Teses e Dissertações da Capes* para analisar como as universidades estão se debruçando na temática do Breaking e suas relações com o Esporte e a Educação Física através das produções de dissertações e teses produzidas em língua portuguesa. Além disso, os descritores que utilizo nessas bases de dados foram obtidos no *DeCS*¹⁴.

No entanto, vale ressaltar que os descritores obtidos no *DeCS* não abrangem suficientemente os termos de busca, sendo assim, utilizo outros termos que não estão nessa ferramenta, como “Break*¹⁵”, “Jogos Olímpicos” e “Olimpíadas”. Outro ponto importante no uso dos operadores booleanos está no enfoque de termos específicos. Para isso, todos os descritores foram usados com as "aspas" para fazer uma busca mais precisa do termos pesquisados.

¹⁴ O vocabulário estruturado e multilíngue DeCS – Descritores em Ciências da Saúde foi criado pela BIREME para servir como uma linguagem única na indexação de artigos de revistas científicas, livros, anais de congressos, relatórios técnicos, e outros tipos de materiais, assim como para ser usado na pesquisa e recuperação de assuntos da literatura científica nas fontes de informação disponíveis na Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) como LILACS, MEDLINE e outras. <https://decs.bvsalud.org/sobre-o-decs/>. Acesso em 10 jul. 2021.

¹⁵ Aqui, a palavra “Break” está com um asterisco, devido ao operador de truncagem, que amplia a pesquisa para outras palavras similares ao Break, como Breaking, outro termo conhecido da modalidade de dança do Hip Hop.

Primeiramente, busco os termos que são basilares para minha pesquisa. Assim, faço as seguintes buscas: “Hip Hop” AND “Break*” AND “Educação Física”; “Hip Hop” AND “Break*” AND “Esporte” e “Hip Hop” AND “Break*” AND “Jogos Olímpicos” OR “Olimpíadas”. Para o primeiro caso, foram encontrados um trabalho no *Lilacs*, zero no *Scielo* e 6 na *CAPES*, sendo cinco dissertações e uma tese. No segundo caso não foram encontrados trabalhos no *Lilacs* e *Scielo* e apenas dois na *CAPES*, sendo uma dissertação e uma tese.

Vale destacar que dois trabalhos encontrados, com os seguintes títulos: “Mulheres na Dança do Movimento HIP HOP numa Comunidade de Periferia do Rio de Janeiro” e “Entre o liso e o estriado: percursos dos jovens dançarinos urbanos do Rio de Janeiro” também aparecem no resultado da primeira busca - “Hip Hop” AND “Break*” AND “Educação Física”. Na terceira busca, quando utilizei o termo “Hip Hop” AND “Break*” AND “Jogos Olímpicos” OR “Olimpíadas” não obtive nenhuma resposta nas bases do *Lilacs*, *Scielo* e *CAPES*.

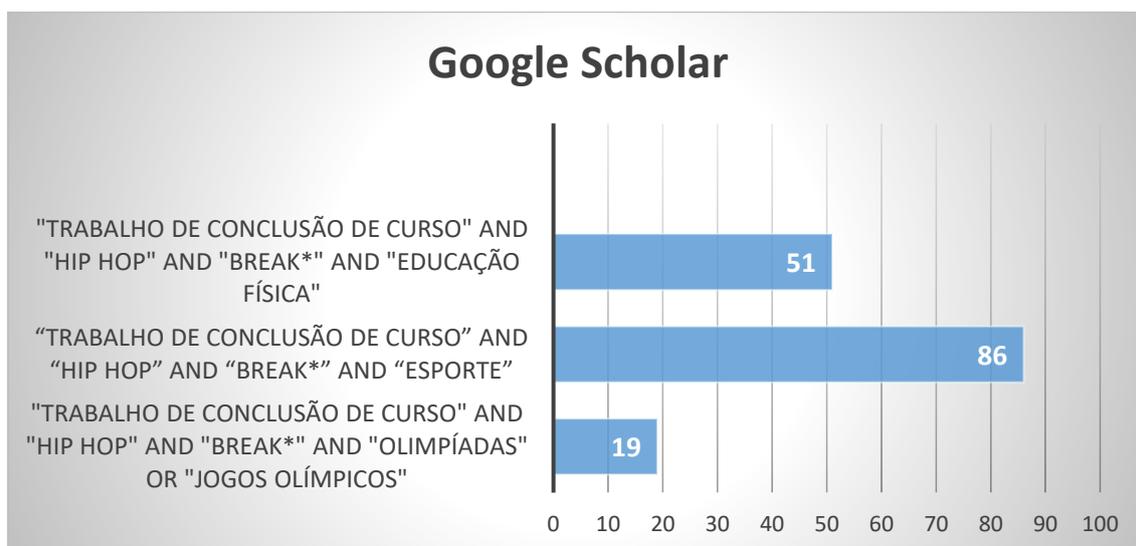
Como encontrei poucos trabalhos utilizando essas bases de dados, questionei essa situação para meus orientadores, que me sugeriram ampliar a busca, recorrendo à plataforma do *Google Scholar* para buscar TCC's (Trabalhos de Conclusão de Curso) que tivessem o Breaking como foco principal. Para isso precisávamos delimitar um recorte temporal para a pesquisa, já que simulando colocar os mesmos termos supracitados, os trabalhos nesse buscador eram numerosos, algo muito complexo de analisar para um trabalho de conclusão de curso. Portanto, decidimos colocar um filtro capaz de trazer uma justificativa consistente para a pesquisa, que, ao mesmo tempo, se enquadrasse com a proposta de uma produção de monografia para finalizar a graduação. Decidimos, assim, pelo ano de 2018 como recorte inicial do buscador, pois este é o ano que ocorreu a primeira inserção do Breaking como modalidade esportiva organizada pelo COI, nos Jogos Olímpicos da Juventude (JOJ), em Buenos Aires, Argentina.

Na continuidade do trabalho precisamos fazer uma mudança no que íamos buscar, com o acréscimo do termo “Trabalho de Conclusão de Curso” juntamente com

os termos buscados anteriormente (“Hip Hop” AND “Break*” AND “Educação Física”; “Hip Hop” AND “Break*” AND “Esporte”; e “Hip Hop” AND “Break*” AND “Jogos Olímpicos” OR “Olimpíadas”).

Para exemplificar os resultados obtidos, segue o gráfico abaixo:

Gráfico 1 - Resultado busca base de dados Google Scholar



FONTE: AUTORIA PRÓPRIA

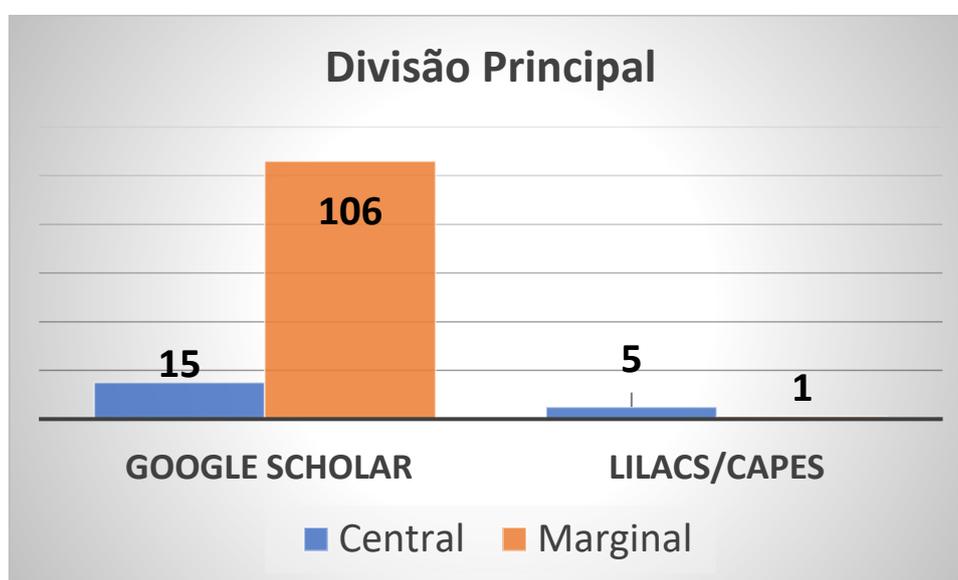
Destaca-se que para a primeira situação de busca (“Trabalho de Conclusão de Curso” AND “Hip Hop” AND “Break*” AND “Educação Física”) o resultado do filtro foi de 63 trabalhos. Porém, foram excluídos estudos que tinham o acesso on-line pago; trabalhos repetidos ou aqueles que não estavam dentro do filtro estabelecido. Na segunda situação (“Trabalho de Conclusão de Curso” AND “Hip Hop” AND “Break*” AND “Esporte”), o resultado foi de 103 trabalhos, excluídos 17 trabalhos pelos mesmos motivos da primeira situação. No terceiro caso (“Trabalho de Conclusão de Curso” AND “Hip Hop” AND “Break*” AND “Olimpíadas” OR “Jogos Olímpicos”), o resultado foi de 19 trabalhos, sem exclusão de estudos, pois todos estavam nos critérios estabelecidos.

Outro destaque importante está nos tipos de trabalhos que apareceram nessas buscas. Mesmo salientando que queríamos olhar os trabalhos de conclusão de curso, o buscador do *Google Scholar* nos trouxe também artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Esses trabalhos foram aceitos para a contagem geral.

Do total de 156 trabalhos filtrados, foram descartados 35 que se repetiam nas buscas, totalizando 121 trabalhos originais. Como critério de análise, os trabalhos foram divididos nas seguintes categorias: (1) - Como o Breaking aparece no trabalho (*se é tema central ou marginal*); (2) - Qual a característica dos trabalhos (*se é Artigo, TCC, Mestrado ou Doutorado*); (3) - Quais são os locais de produção desses trabalhos (*Universidade Pública, Universidade Privada e Qualis da Revista Científica*); (4) - Ano de Publicação; (5) - Áreas de Conhecimento que essas produções se enquadram; e (6) - Quais as fontes que os trabalhos usam para falar do Breaking? (a) *Entrevista com participantes da Cultura Hip-Hop/Breaking*; b) *Trabalhos acadêmicos sem relação direta com praticantes do Breaking*; c) *Pesquisa de Campo*; d) *Revisão de Literatura*).

O ponto de partida para fazer a tabulação dos dados foi excluir os trabalhos que têm o Breaking como temática marginal em sua composição, ou seja, que é citado poucas vezes na sua produção, não sendo o foco central de investigação dos estudos. Como segue o gráfico abaixo, essa divisão principal teve o seguinte resultado:

Gráfico 2 - Divisão principal (temática central e marginal do Breaking)



FONTE: AUTORIA PRÓPRIA

Na base do *Google Scholar*, foram encontrados 121 trabalhos, sendo apenas 15 com a temática central do Breaking. Já no *Lilacs* e na *CAPES*, do total de 6 trabalhos pesquisados, 5 estão discutindo o Breaking com muita relevância. Um ponto interessante para explicar como foi realizada a classificação desses trabalhos, consiste no acesso integral de cada texto. No buscador do *Google Scholar* todos os trabalhos compilados foram acessados em sua totalidade. Todavia, na base *CAPES*, não foi encontrado um trabalho para sua análise na íntegra. Este trabalho é: “Mulheres na Dança do Movimento HIP HOP numa Comunidade de Periferia do Rio de Janeiro” e, sua contagem final do resultado da *CAPES* foi desconsiderada, totalizando assim cinco trabalhos válidos para a compilação.

Para melhor visualização e posterior discussão, seguem algumas tabelas com o recorte dos 20 trabalhos que tem o Breaking como temática central. Será exposto a tabela por cada filtro e em cada base de dados, começando pela tabela 1 - Tabela 1 - GOOGLE SCHOLAR – "Trabalho de Conclusão de Curso" AND "Hip Hop" AND "Break*" AND "Educação Física"; na sequência Tabela 2 - GOOGLE SCHOLAR – "Trabalho de Conclusão de Curso" AND "Hip Hop" AND "Break*" AND "Esporte"; depois Tabela 3 - GOOGLE SCHOLAR – "Trabalho de Conclusão de Curso" AND "Hip Hop" AND "Break*" AND "Olimpíadas" OR "Jogos Olímpicos".

Depois temos a base de dados *Lilacs*, com a seguinte tabela: Tabela 4 - LILACS - "Hip Hop" AND "Break*" AND "Educação Física" e por fim, temos a da base de dados *CAPES*, com a Tabela 5 – *CAPES* - "Hip Hop" AND "Break*" AND "Educação Física".

A tabela 1 temos a representação de 12 trabalhos com a seguinte filtragem na base de dados do *Google Scholar*: "Trabalho de Conclusão de Curso" AND "Hip Hop" AND "Break*" AND "Educação Física".

Tabela 1 - GOOGLE SCHOLAR – "Trabalho de Conclusão de Curso" AND "Hip Hop" AND "Break*" AND "Educação Física"					
Título	Fontes para falar do Breaking	Artigo/TCC / Mestrado / Doutorado	Área de Estudo	Local de Publicação	Ano de Publicação

A dança do Movimento Hip Hop em Natal/RN: conceitos, significados e contribuições para a educação física	Praticantes	TCC	Educação Física	UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte	2018
Por uma pedagogia Hip-Hop: o uso da linguagem do corpo e do movimento para a construção da identidade negra e periférica	Praticantes	Mestrado	Educação	USP - Universidade de São Paulo	2018
A transposição histórica artística do breakdance: das ruas para as academias em Manaus.	Praticantes	TCC	Dança	UEA - Universidade do Estado do Amazonas	2018
Breaking e desenvolvimento motor: processo de ensino e maturação do movimento especializado freeze.	Textos acadêmicos	TCC	Dança	UEA - Universidade do Estado do Amazonas	2018
We are hip hop potiguara: uma etnografia audiovisual do clan potiguara	Praticantes	TCC	Antropologia	UFPB - Universidade Federal da Paraíba	2019
Danças urbanas e TIC na educação física escolar: possibilidades para o terceiro ciclo do ensino fundamental a partir da BNCC	Textos acadêmicos	TCC	Educação Física	UNESP - Rio Claro	2021
Andanças: a trajetória de Vant Vaz na cultura Hip Hop e suas contribuições para a cena das danças urbanas em João Pessoa	Praticantes	TCC	Dança	UFPB - Universidade Federal da Paraíba	2020
A heterogeneidade das danças urbanas:	Textos acadêmicos	TCC	Dança	UFRN - Universidade	2020

ferramentas corporais diferenciadas				Federal do Rio Grande do Norte	
A conexão do street dance e das telas com o desenvolvimento infantil: um olhar da psicomotricidade	Textos acadêmicos	Mestrado	Psicologia	UCDB - Universidade Católica Dom Bosco	2021
Pedagogia Hip-hop: a cultura como ferramenta educacional	Textos acadêmicos	TCC	Ciências Sociais	UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2021
Danças urbanas: estratégias de governamento de corpos juvenis no currículo escolar	Textos acadêmicos	Mestrado	Educação	UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2020
Pensando as Danças Urbanas: Origens negras, trajetória de Octávio Nassur e a Composição coreográfica como articuladores do pensamento em dança	Textos acadêmicos	Mestrado	Artes Cênicas	UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul	2021

Fonte: Autoria própria

Na sequência temos a tabela 2, com o resultado de dois trabalhos na filtragem do *Google Scholar*: "Trabalho de Conclusão de Curso" AND "Hip Hop" AND "Break*" AND "Esporte".

Tabela 2 - GOOGLE SCHOLAR – "Trabalho de Conclusão de Curso" AND "Hip Hop" AND "Break*" AND "Esporte"					
Título	Fontes para falar do Breaking	Artigo/TCC /Mestrado / Doutorado	Área de Estudo	Local de Publicação	Ano de Publicação
"É hip hop na minha embolada": o salto espetacular do break ao mangue dos jovens Chico	Praticantes	Doutorado	História	UFU - Universidade Federal de Uberlândia	2019

Vulgo e Jorge dü Peixe – Recife, 1984-1994					
O Recife de Chico Vulgo e Jorge dü Peixe nos passos do break	Praticantes	Artigo	História	ArtCultura	2018

Fonte: Aatoria própria

Depois, temos a tabela 3 o resultado de um trabalho da seguinte filtragem do *Google Scholar*: "Trabalho de Conclusão de Curso" AND "Hip Hop" AND "Break*" AND "Olimpíadas" OR "Jogos Olímpicos".

Tabela 3 - GOOGLE SCHOLAR – "Trabalho de Conclusão de Curso" AND "Hip Hop" AND "Break*" AND "Olimpíadas" OR "Jogos Olímpicos"					
Título	Fontes para falar do Breaking	Artigo/TCC /Mestrado / Doutorado	Área de Estudo	Local de Publicação	Ano de Publicação
Movimento Hip Hop em Florianópolis: Um estudo sobre as diferenças sociais entre sujeitos que dançam	Praticantes	TCC	Ciências Sociais	UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina	2021

Fonte: Aatoria própria

Na sequência a tabela 4, com o resultado de um trabalho na base de dados *Lilacs*, com a filtragem: "Hip Hop" AND "Break*" AND "Educação Física".

Tabela 4 - LILACS – "Hip Hop" AND "Break*" AND "Educação Física"					
Título	Fontes para falar do Breaking	Artigo/TCC /Mestrado / Doutorado	Área de Estudo	Local de Publicação	Ano de Publicação
Do racha na rua à batalha no palco: cenas das danças urbanas	Praticantes	Artigo	Educação Física	Revista Motrivivência:	2017

Fonte: Aatoria própria

Por último, a tabela 5 o resultado é de quatro trabalhos na base de dados CAPES, com a seguinte filtragem: - "Hip Hop" AND "Break*" AND "Educação Física".

Tabela 5 – CAPES – "Hip Hop" AND "Break*" AND "Educação Física"					
Título	Fontes para falar do Breaking	Artigo/TCC /Mestrado / Doutorado	Área de Estudo	Local de Publicação	Ano de Publicação
Movimento hip hop e danças urbanas: produção acadêmica de 2005 a 2019	Revisão Bibliográfica	Mestrado	Educação Física	UNIMEP	2021
Educação física, linguagem e inclusão: o hip hop como ferramenta de humanização e produção cultural de jovens e adultos com deficiência intelectual e autismo	Praticantes	Mestrado	Educação Física	UFES - Universidade Federal do Espírito Santo	2019
Entre o liso e o estriado: percursos dos jovens dançarinos urbanos do Rio de Janeiro	Praticantes	Doutorado	Educação Física	UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro	2015
O corpo que dança: os jovens e suas tribos urbanas	Praticantes	Mestrado	Educação Física	UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas	1998

Fonte: Autoria própria

Portanto, totaliza-se 20 trabalhos, sendo destes, 12 que serão aprofundados no capítulo da discussão, pois tem relação direta com a Educação Física, o Esporte e o Breaking, sendo o objetivo desta pesquisa.

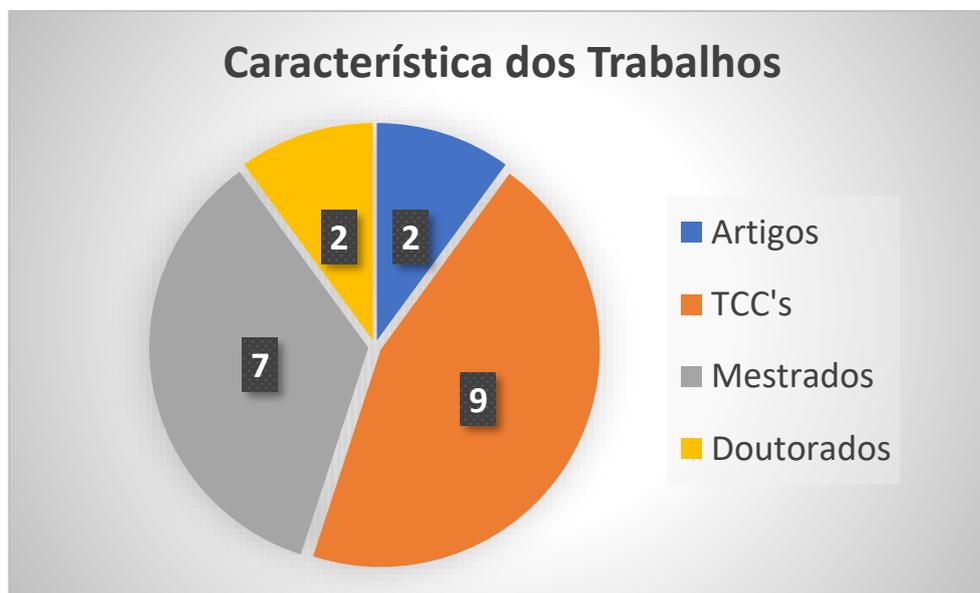
Num primeiro momento, é possível afirmar que a Cultura Hip-Hop como um todo é bastante estudada na academia, com trabalhos publicados em diversas áreas do conhecimento, e meios de publicação (teses, dissertações, TCC's, artigos). No entanto, no recorte sobre a prática corporal do Breaking como mote central de investigação,

quando atrelados aos termos chaves da pesquisa (Hip-Hop, Breaking, Educação Física, Esporte e Jogos Olímpicos/Olimpíadas), verificamos que ela é mais citada em trabalhos que se debruçam em estudar sobre outros elementos do Hip-Hop, como o Rap.

No “Gráfico 2 - Divisão principal (temática central e marginal do Breaking)”, fica evidente este cenário. Mesmo colocando os termos específicos dos descritores no buscador mais amplo (*Google Scholar*), os trabalhos que tinham o Breaking como temática central representavam cerca de 12% dos resultados. Isto é, 88% eram focados em analisar outros aspectos da Cultura Hip-Hop. Já nos buscadores do *Lilacs* e *CAPES*, os resultados eram mais “certeiros”, porém poucos trabalhos foram achados na filtragem exigida.

O segundo critério de análise foi verificar quais eram as características dos trabalhos, isto é, se eram TCC's, artigos, dissertações ou teses, como segue o gráfico a seguir:

Gráfico 3 - Características dos trabalhos (TCC's, artigos, mestrados e doutorados)



FONTE: AUTORIA PRÓPRIA

Dos 20 trabalhos com temática central do Breaking, 9 são TCC's, 7 dissertações, dois artigos e duas teses.

Além disso, analisamos o terceiro critério, como o local em que esses trabalhos foram publicados, bem como o tipo de publicação. O gráfico abaixo evidencia os resultados:

Gráfico 4 - Local e tipo de publicação dos trabalhos



FONTE: AUTORIA PRÓPRIA

Do total de trabalhos encontrados, 16 foram publicados em Universidades Públicas nos formatos de teses, dissertações e TCC's, com a representação e quantidade de publicação das seguintes instituições (UNICAMP - Universidade Estadual de Campinas [1]; USP - Universidade de São Paulo [1]; UNESP - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" [1]; UFU - Universidade Federal de Uberlândia [1]; UFES - Universidade Federal do Espírito Santo [1]; UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro [1]; UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte [2]; UFPB - Universidade Federal da Paraíba [2]; UEA - Universidade do Estado do Amazonas [2]; UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina [1]; UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul [3]).

Na sequência, dois trabalhos foram encontrados em Universidades Privadas, sendo duas dissertações de mestrado. O primeiro encontra-se na UCDB - Universidade

Católica Dom Bosco, em Campo Grande/MS e o segundo na UNIMEP - Universidade Metodista de Piracicaba, em Piracicaba/SP.

Para finalizar, compilamos dois trabalhos publicados nas seguintes revistas e suas respectivas classificações na Qualis/CAPES¹⁶. O primeiro e melhor ranqueado na Qualis/CAPES é a revista “*ArtCultura*” [1], na área de Artes, com nível Qualis B1 e o segundo é a revista “*Motrivivência*” [1] na área de Educação Física, com nível Qualis B2.

O quarto critério de análise foi quantificar o ano de publicação desses trabalhos. Vale frisar que inicialmente o filtro temporal era ilimitado, ou seja, quando usamos as bases de dados *Lilacs*, *Scielo* e *CAPEs*, encontramos trabalhos mais antigos. Todavia, quando fomos ampliar os trabalhos na base de dados do *Google Scholar* filtramos trabalho a partir de 2018, como mencionado no início deste capítulo. Sendo assim, tivemos o seguinte resultado:

Gráfico 5 - Ano de publicação dos trabalhos



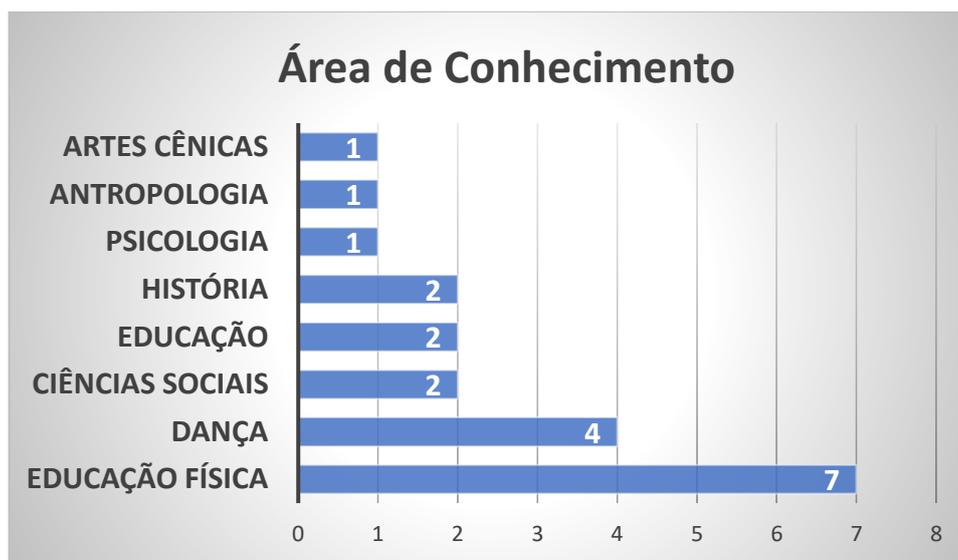
FONTE: AUTORIA PRÓPRIA

¹⁶ Qualis-periódicos/CAPES é um sistema usado para classificar a produção científica dos programas de pós-graduação no que se refere aos artigos publicados em periódicos científicos. A análise de qualidade serve para verificar o impacto científico dos artigos e de outros tipos de produção, a partir da análise de qualidade dos veículos de divulgação, ou seja, periódicos científicos.

Trabalhos unitários nos seguintes anos (1998; 2015 e 2017); três trabalhos em 2019, três trabalhos em 2020, cinco estudos em 2018 e 6 em 2021.

O quinto critério de análise foi compilar as áreas de conhecimento em que esses trabalhos foram publicados. Obtivemos o seguinte resultado:

Gráfico 6 - Áreas de conhecimento dos trabalhos

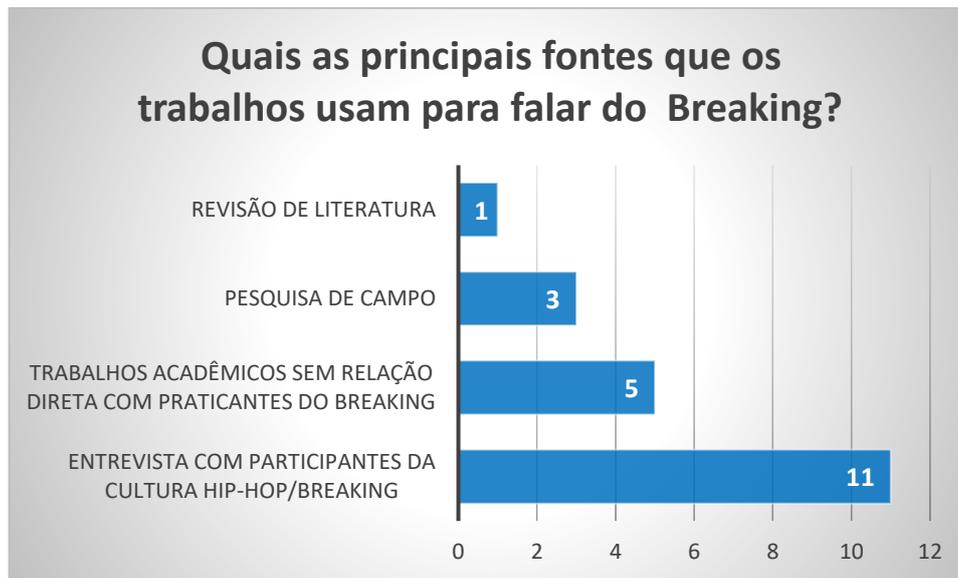


FONTE: AUTORIA PRÓPRIA

Trabalhos unitários nas seguintes áreas (Artes Cênicas, Antropologia e Psicologia), dois estudos em História e dois em Educação. Outros dois em Ciências Sociais, quatro em Dança e 7 em Educação Física. Vale destacar que essa divisão foi realizada de acordo com o que foi publicizado pelos autores como local de origem da defesa. Por exemplo, qual foi a Faculdade que foi defendida aquele trabalho, mesmo que a formação de origem do autor seja outra (isso vale para os TCC's, dissertações e teses).

Já o último critério de análise refere-se às fontes que os trabalhos utilizam para falar do Breaking. Este gráfico é importante para demonstrar se os trabalhos acadêmicos estão buscando ouvir os próprios praticantes do Breaking dentro das diversas realidades de interação dessa prática em nossa sociedade. O gráfico abaixo retrata o que foi encontrado:

Gráfico 7 - Quais as principais fontes que os trabalhos usam para falar do Breaking



FONTE: AUTORIA PRÓPRIA

Um trabalho com características de revisão de literatura foi a fonte principal para falar do Breaking. Três estudos tiraram suas conclusões sobre o Breaking através de pesquisas de campo, ouvindo, anotando, catalogando o que acontecia na prática. Outros 5 trabalhos falavam do Breaking a partir de estudos acadêmicos, isto é, sem ter falas, vídeos ou outras formas de captação de discurso de praticantes dessa prática corporal. Para finalizar, 11 trabalhos trouxeram entrevistas com participantes da cultura Hip-Hop que, em algum momento, dançaram Breaking.

Depois desses dados compilados, vamos analisá-los no capítulo 7, tendo como premissa verificar quais são os discursos e visões que esses estudam transmitem sobre o Breaking, de acordo com a ótica dos EC, além de verificar quais trabalhos fazem referência dessa temática com a Educação Física, o Esporte, em especial com os Jogos Olímpicos/Olimpíadas.

5 A EFERVESCÊNCIA DA CULTURA HIP-HOP

Ao falar da Cultura Hip-Hop, existe um vasto material narrativo sobre suas origens, criações e inspirações, sejam elas em formato audiovisual, publicações escritas (acadêmicas, jornalísticas etc.) ou por meio da oralidade. Todos esses meios de reprodução, servem como mecanismo para construir no imaginário social as marcas da identidade e da diferente, conceitos que aprofundaremos ao longo do próximo capítulo.

A linha de interpretação de surgimento do Hip-Hop mais comum nas produções acadêmicas, sustentada por Pimentel (1997), Diógenes (1998), Rocha (2001), Araújo (2008), Dias (2018) entre outros estudiosos, consiste no desenvolvimento dessa cultura nas últimas quatro décadas do século XX, em território estadunidense. Esses autores defendem que aos anos rebeldes ¹⁷dos guetos americanos¹⁸, entre as décadas de 1960 e 1970 foram um dos combustíveis para a construção da Cultura Hip-Hop. Este período foi caracterizado pela luta da população negra frente à segregação imposta pelos brancos, assemelhando-se ao *apartheid* sul africano¹⁹. O processo para uma possível igualdade racial passou por diversas dificuldades, entre elas a morte de dois grandes líderes negros, Malcolm X, em 1965 e Martin Luther King, em 1968. As duas lideranças aplicaram formas distintas de atuação e tinham estratégias divergentes, mas concordavam que havia a necessidade dos negros se organizarem politicamente, a fim de aumentar e/ou proporcionar a autoestima e a inserção deste grupo de maneira democrática na sociedade (ARAÚJO, 2008).

¹⁷ Período que simboliza a revolta da população negra com as mortes dos grandes líderes negros, Malcolm X e Martin Luther King. Para maiores detalhes acessar PIMENTEL, Spensy Kmitta. **O livro vermelho do hip hop**. São Paulo: USP, 1997. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Jornalismo da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

¹⁸ Nome para designar a região em que vivem os moradores de baixa renda dos grandes centros urbanos dos Estados Unidos. Para maiores detalhes acessar PIMENTEL, Spensy Kmitta. **O livro vermelho do hip hop**. São Paulo: USP, 1997. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Jornalismo da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo.

¹⁹ O *apartheid* (em africâner, "segregação") foi um regime de separação racial ocorrido na África do Sul nos anos de 1948 a 1994. O *apartheid* privilegiava a elite branca do país e excluía os negros dos espaços públicos, da educação e postos de trabalho.

Esses acontecimentos culminaram numa revolta generalizada da população negra estadunidense, que evoluíram para um confronto armado contra a opressão policial. Por efeito, surge os *Black Panthers* (Panteras Negras), grupo armado revolucionário em prol da comunidade negra, que buscava um processo de reparação social e equidade racial. Essa estratégia só foi abandonada quando se constatou a inviabilidade de uma luta armada para impor a igualdade racial, devido ao fato de se instaurar apenas o caos urbano, ocorrendo este pela morte supérflua de policiais e integrantes do grupo. Dias (2018) ressalta ainda que o problema habitacional gerado pelo processo de segregação racial e social citadas acima tornou o Bronx²⁰ como símbolo de declínio urbano, por conta do planejamento feito pelo engenheiro Robert Moses que transformou toda a região do bairro como um ponto de passagem, num formato de via expressa, que desconsiderou as casas e as pessoas que lá viviam.

Outro aspecto preponderante na análise desses pesquisadores sobre os desdobramentos da criação do Hip-Hop foi a guerra do Vietnã, ocorrida em plena Guerra Fria, durante os anos de 1965 e 1975. Os Estados Unidos temendo o avanço do comunismo enfrentou o exército do Vietnã do Norte (comunista), a fim de sacramentar a supremacia capitalista e manter o mesmo regime vigente no Vietnã do Sul. Além de não conseguir esse objetivo, pois foram derrotados nessa guerra, os recrutas do exército americano eram em sua maioria negros e de origem latina. O conflito desencadeou dezenas de milhares de mortes, além de mutilações e traumas severos em boa parte dos sobreviventes, como os vícios em drogas (principalmente heroína), ocasionando outro problema de saúde pública na periferia das grandes cidades americanas (PIMENTEL, 1997).

Todo esse cenário intensificou a procura por um meio de expressão que pudesse transmitir o valor da cultura negra e latina, sem perder o cunho político. Sendo assim, criou-se a Cultura Hip-Hop, que, de acordo com ROCHA et al (2001), sua essência consiste em um conjunto de elementos que se propõem a expressar, por intermédio de

²⁰ O bairro novaiorquino berço da Cultura Hip Hop.

atividades culturais e artísticas, a reivindicação de uma sociedade mais igualitária que não segregue as pessoas por sua condição social ou racial. Assim, motivou-se o jovem a refletir sobre sua realidade e a tentar transformá-la, surgindo assim os quatro elementos do Hip-Hop, sendo eles: o Breaking (a dança de passos que envolvem saltos, giros e acrobacias), o Grafite (como artes plásticas, feita com spray aplicada nos muros da cidade e/ou vagões de trens), o DJ (o disc jockey, responsável em gerir e criar as batidas das músicas a partir de discos e equipamentos de som) e o rapper (ou MC, mestre de cerimônia, aquele que canta ou declama as letras sobre as bases eletrônicas criadas e executadas pelo DJ). A junção dos dois últimos elementos resulta na parte musical do Hip Hop: o Rap (abreviação de Rythm and Poetry, Ritmo e Poesia, em inglês).

5.1 O Breaking na Cultura Hip Hop

Quando falamos em dança da Cultura Hip Hop surge um vasto repertório sobre o termo, seja ele que engloba toda forma de mexer o corpo ao som Rap, Trap e afins, como o que ficou popularmente conhecido de dança Hip Hop em academias de ginástica/dança, ou aqueles mais técnicos que vão detalhar as variações dos movimentos e suas respectivas diferenciações de nomenclaturas. Nesse sentido, Guarato (2020) ressalta a importância de fazermos diferenciações dos termos para não cairmos em generalidades, como o entendimento dos termos “danças de rua” e “danças urbanas”, já que historicamente outras danças eram praticadas no contexto urbano antes da criação do termo Hip Hop, como os artistas de rua que dançavam Jazz na década de 1920 e 1930 na cidade de Nova Orleans, nos Estados Unidos.

É predominante encontrarmos nos trabalhos, como nas referências usadas no capítulo 5 “*A Efervescência da Cultura Hip Hop*”, essa mistura de termos que aglutinam determinadas forma de dançar como sendo sinônimos de Breaking. Um exemplo disso, é o que encontramos em Araújo (2006), fazendo a citação de Juny KP (2001), que afirma que o termo Hip Hop foi criado por Afrika Bambaataa, fazendo alusão ao movimento dos quadris. Essa dança robótica é realizada no “*break*” (pausa em inglês)

da música tem em suas origens o ritmo forte e acelerado do funk de James Brown, que em suas apresentações ele e seus dançarinos dançavam de forma desengonçada, mas muito animada as músicas no estilo funk. Entretanto, ressalta que o termo “breakdance” trata-se de uma apelação da mídia e, que este não tem relação com o “Break” de rua. Seu verdadeiro significado encontra-se na contestação do sistema vigente, através de imitações de robôs e de representação de soldados mutilados na guerra do Vietnã, estes em sua maioria negros, no qual B. Boys (garotos que dançam “Break”) e B. Girls (garotas que dançam “Break”) desenvolvem suas técnicas referindo-se a esses fatos históricos.

Outra autora, que segue nessa mesma linha generalista para falar da “dança do Hip Hop”, Diógenes (1998) esclarece que a grande função do “Break” é tentar diminuir as brigas entre as gangues, transformando essa disputa numa competição corporal, não numa guerra armada como acontecia nos guetos americanos entre as décadas de 1970 a 1990, criando assim mais um espaço de reflexão sobre a situação social da marginalização criada pelo sistema capitalista.

Sobre a questão das gangues e a criação do Hip Hop, existe uma outra perspectiva histórica, como a que é encontrada nos seguintes materiais audiovisuais, sendo o primeiro disponível no Youtube com o título *Griot Urbano - Início do Hip Hop [Ep.1] (1ª Temporada) #VVAR* (2017) que traz referências e entrevistas com “fundadores” do Hip Hop, em que podemos observar que o desenvolvimento da dança não tem relação com os conflitos e guerras, mas pela influencias de bailes sociais em que diversos estilos de dança já eram praticados²¹. Já o segundo material é o documentário *Rubble Kings – Os Reis do Bronx* (2015), que trata da relação entre as

²¹ Daí a confusão entre “break” e movimentos robóticos que fazem alusão a soldados vitimados pelas guerras, pois fica evidente que quando nos referimos ao Breaking, estamos falando de uma dança que tem os seguintes passos muito bem definidos: (1) Top Rock, (2) Footwork, (3) Power Moves e (4) Freezes. As demais formas de movimentações corporais não podem entrar dentro da mesma categoria de dança, pois a forma de dançar que se caracterizava por imitar robôs, como o Popping, originalmente não fazia parte da cultura Hip Hop.

Para mais informações, acessar: GUARATO, Rafael. Os conceitos de “Dança de rua” e “Danças Urbanas” e como eles nos ajudam a entender um pouco mais sobre colonialidade (Parte I). *Arte da Cena* (Art on Stage), [S. l.], v. 6, n. 2, p. 114–154, 2020. DOI: 10.5216/ac.v6i2.66882. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/artce/article/view/66882>. Acesso em: 10 de mar. 2022.

gangues e como se deu o redimensionamento dos conflitos armados para as batalhas de Breaking.

Sendo assim, é importante destacar que nesse texto estamos abordando os conhecimentos exclusivos da dança Breaking, que, como destaca Dias (2018), é caracterizada pelos seguintes passos:

- (1) Top rock, considerado como o cartão de visitas e a marca registrada do B. Boy/B. Girl, em que o/a dançarino/a faz os movimentos iniciais de entrada na dança, como na figura a seguir:

Figura 1: Top Rock



Fonte: Canva

- (2) o Footwork, sendo este a base de solo do B. Boy/B. Girl, em que o dançarino faz uma sequência rápida de movimentos com os pés e o corpo abaixado, como na imagem a seguir:

Figura 2: Footwork



Fonte: Canva

- (3) o Freeze que é o congelamento de um movimento por pelo menos dois segundos, como representada abaixo:

Figura 3: Freeze



Fonte: Canva

- (4) e o Power Move são gestos mais complexos, baseados em movimentos acrobáticos, em que os praticantes tentam se desafiar cada vez mais para criar movimentos inovadores e marcantes.

Figura 4: Power Move



Fonte: Canva

6 REFERENCIAL TEÓRICO

Os Estudos Culturais (EC) surgem como campo de investigação em meio ao contexto histórico da Inglaterra pós-Segunda Guerra Mundial, na qual o suporte teórico das ciências humanas vigente não era suficiente para explicar as transformações daquela sociedade, principalmente do ponto de vista das discussões sobre a “civilidade” dos grupos sociais emergentes (o modo de vida da juventude operária). Essa ideia de “civilidade” era o fundamento de correntes teóricas que tinham como elemento central uma homogeneização de uma consciência nacional (MATTELART; NEVEU, 2004).

Este cenário de análise do pós-Segunda Guerra Mundial proporcionou novas práticas e hábitos sociais e mentais em conjunção com formas de organização econômica nunca visto, provocando uma revolução cultural verificada nesse novo modo de produção capitalista. Os novos meios de vida geraram necessidades para o governo das populações e dos sujeitos, algo fundamental para a emergência dos EC (JOHNSON, 2006).

A partir disso, trata-se o olhar sobre a cultura numa perspectiva mais ampla, pois não basta mais referi-la numa análise de concepção cultura-nação e sim em diversas culturas (grupos sociais) que estão a todo momento interagindo (MATTELART; NEVEU, 2004).

Os EC se sustentam em três pressupostos interdependentes, sendo eles: o projeto político; a inserção pós-moderna e a perspectiva interdisciplinar.

No que se refere ao aspecto de projeto político, os EC não pretendem ser imparciais nem neutros, pois sua prática está ancorada na defesa dos grupos desfavorecidos e marginalizados nas sociedades contemporâneas, quando nos referimos as relações de poder e as forças que atuam nessa dinâmica (JOHNSON, 2006).

Assim, sobre este aspecto, Nunes e Neira, que são estudiosos do campo da Educação Física e, embasam muitas de suas produções nos EC, afirmam que esse campo teórico

[...] tendo como compromisso examinar qualquer prática cultural a partir de sua constituição sob influências de diferentes vetores de força. Por conta disso, suas investigações abrangem os mais diferentes campos da cultura e dirigem-se a zonas de conflito, como as disputas em torno das questões étnicas, de gênero, de sexualidade, geracionais etc. Os Estudos Culturais recusam-se a desvincular a política do poder e dos processos que definem as experiências que são consideradas válidas, dos modos de ser tidos como corretos e que legitimam certas identidades. Em suma, preocupam-se com a geometria do poder que caracteriza as relações sociais e combatem os mecanismos de opressão, não se restringindo apenas à formulação de uma linguagem crítica e denunciadora (2016, p. 107).

Sobre a interface da inserção pós-moderna nos EC, Hall (1992) defende que os estudos da organização da sociedade apenas pelo viés do corpo patronal (dominante) e corpo proletário (dominado) não é suficiente, pois existem outras forças de poder entre os diversos grupos sociais (homem x mulher, heterossexual x homossexual) e, que essa concepção apenas econômica não comporta todo o entendimento da dinâmica social.

Na visão de Hall (1997), a contemporaneidade encontra-se numa pluralidade de identidades e o poder não se encontra mais estanque na luta de classes, pois no campo de pesquisa outros mecanismos ganharam destaque, como a cultura, linguagem, o simbólico e o inconsciente, uma relação dinâmica entre as relações simbólicas desses elementos, a vida cotidiana e as relações materiais de poder.

Esse alinhamento de pensamento alimentou-se do debate pós-moderno, criticando as narrativas de “verdade” e legitimação do pensamento moderno, sobretudo a corrente positivista, tornando-se assim um campo filosófico questionador de qualquer conhecimento como verdade absoluta e da noção de um sujeito dotado de uma consciência unificada.

Já no aspecto interdisciplinar, os idealizadores da construção dessa proposta, o grupo CCCS (Centre for Contemporary Cultural Studies of Birmingham), estruturado inicialmente por Richard Hoggart e Raymond Williams, mas tendo como expoente dos estudos juvenis Stuart Hall, esclarecem a importância de estabelecer um grau de interdisciplinaridade para essa área de estudos, pois os processos culturais não

podem ser analisados apenas nos contornos acadêmicos das “caixinhas” das disciplinas, tendo em vista a complexidade dessa área de estudo (JOHNSON, 2006).

Assim como destaca Kellner em seus estudos sobre cultura da mídia,

[...] os estudos culturais britânicos apresentam uma abordagem que nos permite evitar a dividir o campo da mídia/cultura/comunicações em alto e baixo, popular e elite, e nos possibilita enxergar todas as formas de cultura da mídia e de comunicação como dignas de exame e crítica. Possibilita abordagens à cultura e à comunicação que nos forcem a avaliar sua posição política e a fazer discriminações políticas entre diferentes tipos de produções que tenham diferentes efeitos políticos. [...] Também adota uma abordagem crítica que, assim como a da Escola de Frankfurt, mas sem algumas de suas deficiências, interpreta a cultura na sociedade e situa o estudo da cultura no campo da teoria social contemporânea e da política contestadora (2001, pág. 53 e 54).

Nessa característica de campo interdisciplinar, é fundamental destacar alguns conceitos que permeiam os EC, como a ideia de identidade, diferença, cultura e regulação.

Sobre os conceitos de identidade e diferença, Silva (2000) define como uma marca linguística para distinguir aquilo que é, daquilo que não é, ou seja, identidade como algo autossustentável, como algo positivo daquilo que sou. Já a diferença tem a mesma estrutura da identidade, de tentar marcar algo, mas agora o outro, não a si mesmo. Esse jogo de definições funciona um dependendo do outro. Nessa afirmação da identidade, a humanidade construiu ao longo do tempo um jeito mais rápido de identificar alguém ou algo, porém, podendo muitas vezes negar ou esconder outras noções do mesmo fato. Há outra lógica de pensar esse modo de classificação, isto é, ao invés de destacarmos primeiramente a nossa identidade, colocamos a diferença como primeira análise, pensando assim em como se dão essas definições de diferença e identidade, isto é, o processo. Essa relação de poder nesse jogo de imposição simbólica de discursos e significados da linguagem para tentar definir a identidade e diferença nunca é inocente, em outras palavras, quanto temos algo que define o que é uma identidade ou a diferença estamos falando de um processo de disputas que tinham

intencionalidades. A visão de dividir em nós (identidade) e eles (diferença) quer dizer classificar, hierarquizar. Esse processo hierárquico gera uma condição binária.

Para complementar as concepções de identidade, Hall (2006) traz uma definição conceitual de três ideias muito diferentes sobre esse quesito. A primeira seria o sujeito do Iluminismo. Nele, o sujeito está formatado numa concepção de humano como um indivíduo totalmente centrado, unificado, atribuído de capacidades racionais, de consciência etc., como um “centro” que nascia consigo e ia se aperfeiçoando ao longo do tempo, permanecendo quase inalterado até a morte.

A segunda é o sujeito sociológico. Aqui, o sujeito refletia a crescente complexidade do mundo moderno, perpassando pela análise que a consciência que antes estava centrada no “eu”, agora é moldado na relação com os outros. Isto é, a sociedade passa a moldar a identidade do sujeito e a estrutura social para a ser predominante para falar desse sujeito, não mais centralizado nas concepções racionais do indivíduo iluminista.

A terceira concepção de identidade é do sujeito pós-moderno. Esse sujeito não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. Essa visão de sujeito é definida historicamente e não biologicamente, assumindo ao longo da vida várias identidades que não são únicas ao redor de um “eu” coerente, pois este carrega o contraditório na sua formação enquanto pessoa, carregada de diferenciações, de tal modo que nossas identificações estão costumeiramente deslocadas. Complementando essa visão do sujeito pós-moderno, o autor destaca que o processo de identificação do ser é

[...] uma construção, como um processo nunca completado. [...] Ela não é, nunca, completamente determinada – no sentido de que se pode, sempre, “ganhá-la” ou “perdê-la”; no sentido de que ela pode ser, sempre, sustentada ou abandonada. Embora tenha suas condições determinadas de existência, o que inclui, os recursos materiais e simbólicos exigidos para sustentá-la, a identificação é, ao fim e ao cabo, condicional; [...] Uma vez assegurada, ela não anulará a diferença. A fusão total entre o “mesmo” e o “outro” que ela sugere é, na verdade, uma fantasia de incorporação [...] A identificação é, pois, um processo de articulação. [...] Como todas as práticas de

significação, ela está sujeita ao “jogo” da *Différance*²². Ela obedece a lógica do mais-que-um. É uma vez, que, como num processo, a identificação opera pelo meio da *Différance*, ela envolve um trabalho discursivo, o fechamento e a marcação de fronteiras simbólicas, a produção de “efeitos de fronteiras”. Para consolidar o processo, ela requer aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui (HALL, 2008, p. 106).

Quando olhamos para o exemplo do Breaking, existem algumas identidades que foram sendo alocadas aos praticantes dessa modalidade. No documentário: “*Marco Zero do Hip-Hop*” (2014), alguns dançarinos retratam como era a visão da população, em especial dos agentes de segurança pública quando eles começaram a praticar o Breaking no centro de São Paulo. Segundo eles, a repressão policial acontecia pelo motivo de usarem o espaço público para fazer a “vadiagem”, como se aqueles jovens não estivessem uma ocupação formal e estavam ali atrapalhando a ordem pública, assim, identificando-os como desocupados. Alguns deles chegavam a ser presos por esse motivo.

Sobre a o conceito de diferença Silva (2000) reforça que numa abordagem “liberal” de uma convivência harmoniosa e respeitosa entre as pessoas, resgatando a essência natural do homem, essa visão não se preocupa em discutir como as identidades e diferenças são produzidas. Assim, cria-se a ideia do dominante tolerante e do dominado tolerado.

Já sobre o conceito de cultura, vale destacar o que Hall (1997) chama de virada cultural, que é o aspecto dos estudos centralizados na cultura, porém numa vertente epistemológica, que é quando as ciências humanas como um todo passam a ver a cultura como uma condição constitutiva da vida social, sendo o centro de debate de muitos estudos, para tanto este autor complementa:

²² Para Derrida (1991), o signo é caracterizado pelas diferenciações entre os traços (outros signos), por esses adiamentos indefinidos e constantes da presença (dessas marcas). Ele sintetiza no conceito de *Différance*. Sendo assim, a linguagem é caracterizada por essa instabilidade da falta de uma presença fixa e sempre constante e adiada pela dinâmica da definição e diferença dos signos ou traços. Identidade e diferença são tão instáveis e indeterminadas quanto a linguagem que as “definem”.

[...] Fundamentalmente, a “virada cultural” iniciou com uma revolução de atitudes em relação à linguagem. A linguagem sempre foi assunto de interesse de especialistas, entre eles, estudiosos da literatura e lingüistas. Entretanto, a preocupação com a linguagem que temos em mente aqui refere-se a algo mais amplo — um interesse na linguagem como um termo geral para as práticas de representação, sendo dada à linguagem uma posição privilegiada na construção e circulação do significado [...] Trata-se aqui da relação total entre a linguagem e o que podemos denominar “realidade”. Os objetos não existem no mundo independentemente da linguagem que utilizamos para descrevê-los? [...] tanto, a identificação que fazemos da mesma como “pedra” só é possível devido a uma forma particular de classificar os objetos e de atribuir significado aos mesmos (isto é, a palavra pedra vista como parte de um sistema de classificação que diferencia pedra de ferro, madeira, etc.; ou, por outro lado, num sistema de classificação diferente — a pedra, em oposição ao penedo, rocha, seixo, etc.). Os objetos certamente existem também fora destes sistemas de significação (cada qual dando um significado diferente a mesma coisa, a “pedra”); os objetos certamente existem, mas eles não podem ser definidos como “pedras”, ou como qualquer outra coisa, a não ser que haja uma linguagem ou sistema de significação capaz de classificá-los dessa forma, dando-lhes um sentido, ao distingui-los de outros objetos [...] (HALL, 1997, p. 9 e 10).

Para finalizar os conceitos, Hall (1997) aborda sobre a ideia de regulação. Para ele, a regulação acontece simultaneamente entre os fatores culturais e as esferas do econômico, político, do Estado e da religião. Esses aspectos estão intimamente interligados quando o sujeito é perpassado pelas representações sociais (filho/a, estudante, companheiro/a, empregado/a, autônomo/a, empreendedor etc.) Essas representações ficam mais evidentes quando o indivíduo molda seu comportamento pela regulação cultural, da moralidade, na regulação social, isto é, quando o sentimento de vigilância está constantemente presente é preciso estar enquadrado num determinado padrão estético, ético, financeiro, perfil de carreira etc., para poder ser aceito e se sentir contemplado.

Por outro lado, o que chama a atenção do autor, é que também existe uma outra tendência, aparentemente contraditória, que é o movimento de desregulação, principalmente promovido pela concepção neoliberal de sociedade. Nessa visão de mundo, os indivíduos precisam se autorregular, e o Estado precisa oferecer o mínimo

para cumprir o seu papel enquanto gerenciador das políticas públicas. Nesse cenário, os sujeitos estão alocados num sistema de produção em que ele mesmo gera sua renda, num sinal de recompensa e esforço individual, gratificando quem alcança os objetivos e punindo a ineficiência e a falta de criatividade, nesse constante jogo de perdedores e ganhadores.

Esse modelo meritocrático, conduz certas condutas, como a valorização de uma aparente independência do Estado e do empregador, no caso do assalariado, criando uma falsa impressão de autonomia. No entanto, o caso mais emblemático desse cenário se traduz na nova ordem de trabalhadores no Brasil, em que, pela primeira vez temos mais trabalhadores informais do que trabalhadores formais, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) – (UOL, 2022), grande parte destes prestando serviços como motoristas de aplicativo e moto-fretistas. Mesmo que essas profissões tenham a possibilidade de estar asseguradas pelo sistema público de seguridade social, através do Instituto Nacional do Seguro Social (INSS), pelo cadastro como Microempreendedor individual (MEI), muitos desses profissionais não estão assegurados e, quando porventura acontece algum imprevisto, como um acidente de trânsito, alguma despesa extra com o veículo, ou qualquer tipo de afastamento, o prestador de serviço não tem direito a nenhuma garantia trabalhista de ressarcimento, além claro de não receber 13º salário, férias remunerada, etc.

Agora, no caso do Breaking, como o sujeito dessa prática também pode estar representado como atleta profissional, essa desregulação está presente, quando ele se encontra num sistema de total dependência de seu desempenho atrelado às conquistas nos campeonatos e no ranqueamento que o permitirá participar de mais competições, como as Olimpíadas. Porém, na maioria das vezes, ele/a não conta com uma estrutura que possibilite competir em alto nível sem uma ajuda externa, seja ela nos moldes de patrocínio (que também tem a ver com o que o/a dançarino/a pode gerar de lucro para a empresa), ou, numa medida de intervenção estatal, que teria uma outra forma de

regulação, através de incentivo direto, como o sistema do Bolsa Atleta²³ do governo federal.

Portanto, esse referencial teórico nos possibilita observar as produções aqui pesquisadas num aspecto mais amplo, que não estaciona a percepção do Breaking e seus praticantes numa perspectiva única, mas que todas elas possam ser investigadas a partir dos discursos sobre a prática.

²³ O Bolsa Atleta é um programa de patrocínio individual de atletas promovido pelo governo federal brasileiro. O público beneficiário são atletas de alto rendimento que obtêm bons resultados em competições nacionais e internacionais de sua modalidade. O programa garante condições mínimas para que se dediquem ao treinamento e as competições locais, sul-americanas, panamericanas, mundiais, olímpicas e paralímpicas. Desde 2012, com a Lei 12.395/11, é permitido que o candidato tenha outros patrocínios, o que propicia que atletas consagrados possam ter a bolsa e, assim, contar com mais uma fonte de recurso para suas atividades. Atualmente, são seis categorias de bolsa oferecidas pelo Ministério da Cidadania: Atleta de Base, Estudantil, Nacional, Internacional, Olímpico/Paralímpico e Pódio. A partir da assinatura do termo de adesão, os contemplados recebem o equivalente a 12 parcelas do valor definido na categoria: Atleta de Base (R\$ 370); Estudantil (R\$ 370); Nacional (R\$ 925); Internacional (R\$ 1.850); Olímpico/Paralímpico (R\$ 3.100) e Pódio (R\$ 5 mil a R\$ 15 mil).

Para mais informações, acessar: BRASIL, Ministério da Cidadania/Secretaria Especial do Esporte. **Sobre o Bolsa Atleta**. c2022. Brasília. Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/bolsa-atleta/sobre-o-bolsa-atleta>. Acesso em: 15 de jun. 2022.

7 DISCUSSÃO

Neste capítulo faremos a discussão dos trabalhos que relacionam a Educação Física e o Esporte com o Breaking. Essa análise não acontecerá apenas como está destacado no Gráfico 6 – área de conhecimento dos trabalhos, mas a partir do que os textos falam desses termos destacados acima. Por exemplo, mesmo que a defesa do trabalho foi apresentada e defendida na área da Psicologia, mas, se em sua composição tem muitas referências da Educação Física ou do Esporte, será considerado a contagem dessa produção na área da Educação Física/Esporte. Em contrapartida, quando o texto cita apenas duelos entre os dançarinos, mas não problematiza ou enfatiza que aquela disputa encontra-se no espectro esportivo, este é desconsiderado para análise. Portanto, as análises ocorrerão da seguinte forma: 1º) identificar e quantificar os trabalhos na área da Educação Física e do Esporte, trazendo seus objetivos e o que eles concluem, dialogando com o referencial dos EC sobre as representações epistemológicas desses trabalhos, subdividindo-os em perspectiva biopsicossocial das visões críticas e pós-críticas, explicitando os discursos de cada uma dessas visões de mundo e 2º) verificar quais são os principais discursos presentes nos trabalhos que majoritariamente usam fontes de praticantes da cultura para falar sobre o Breaking, em comparação com os trabalhos que usam apenas o referencial acadêmico para tratar do assunto.

7.1 Relação da Educação Física, do Esporte com o Breaking: quais os discursos predominantes?

Ao fazermos o refinamento sobre o Gráfico 6 – área de conhecimento dos trabalhos, percebemos que alguns trabalhos que foram publicados em outras áreas tinham uma relação profunda com a Educação Física e o Esporte. Sendo assim, dos 20 trabalhos selecionados como centrais da temática do Breaking, 12 deles tem profunda relação com a Educação Física e o Esporte. Vamos aqui apresentá-los de acordo com a visão epistemológica dessas produções, isto é, quais são discursos especificamente

sobre o Breaking que embasam esses trabalhos. No subcapítulo 7.1.1 discutiremos dois trabalhos que se enquadram numa perspectiva biopsicossocial da Educação Física, que constroem fortemente o discurso dos benefícios para a saúde global dos sujeitos praticantes do Breaking, seja através do aprimoramento físico que a prática proporciona, ou das finalidades terapêuticas que ela potencializa. No subcapítulo 7.1.2 falaremos dos trabalhos que trazem uma visão crítica sobre Breaking com relação à Educação Física e o Esporte, destacando seu viés cultural estanque e idealista, muitas vezes, no que diz respeito ao seu caráter contra hegemônico e antissistema capitalista, que não vai discutir sobre as forças discursivas presentes no embate do que é posto como algo válido ou inválido pela sociedade. Por último, no subcapítulo 7.1.3 abordaremos os trabalhos que tem alguma relação com as teorias pós-críticas, isto é, que vão tensionar sobre os jogos de poder que definem os discursos sobre determinada prática.

Vale destacar que mesmo os trabalhos que vão discutir as relações de gênero e raça, que assim poderiam se enquadrar na categoria “visão pós-crítica” devido à seu caráter problematizador de relações de poder apenas nas relações de classe, no entanto, continuam com algum discurso que remeta a ideia dos movimentos corporais do Breaking enquanto “resistência ao sistema capitalista” e/ou “resgate de uma identidade”, estes foram enquadrados na categoria “7.1.2 Visão Crítica”.

7.1.1 Visão Biopsicossocial

O primeiro estudo destacado nessa categoria é do autor Salviano (2018), em seu trabalho intitulado: “Breaking e desenvolvimento motor: Processo de ensino e maturação do movimento especializado Freeze”, teve o objetivo de compreender e descrever os efeitos das aulas do Breaking no desenvolvimento da habilidade de movimento especializado (Freeze), tendo como sujeitos da pesquisa jovens com idade de 13 a 16 anos, sem experiência com dança, estudantes de uma escola estadual da zona leste de Manaus, Amazonas. Os indivíduos foram submetidos a aplicação de teste de

performance, escalonado em nível inicial, elementar e maduro. Os 10 alunos envolvidos na pesquisa tiveram um total de 8 horas/aula de experiência com a prática para aprender o gesto técnico. Como resultado, três alunos permaneceram na fase inicial de aprendizagem, enquanto 6 evoluíram para a fase elementar, e um aluno chegou na fase madura do movimento Freeze. Sendo assim, o pesquisador obteve à seguinte conclusão:

[...]podemos entender que se faz necessário o aumento das pesquisas científicas sobre o Breaking, e assim melhorar as metodologias de ensino dessa arte nas Escolas de forma eficaz e saudável para os alunos. Com as ações e situações expostas acima é possível concluir que mesmo com pouco tempo e espaço, a prática do Breaking e seus treinos, se mostram uma ferramenta útil para o desenvolvimento das habilidades motoras dos participantes da pesquisa. A melhoria na execução da Habilidade específica (Freeze), se tornou visível após a aplicação das aulas como se pode ver na comparação dos dois testes. O objetivo era entender os efeitos do Breaking no aprendizado da Habilidade Específica (Freeze), assim como seu processo de ensino e aprendizagem (SALVIANO, 2018, p. 47 e 48).

Fica evidente nesse recorte que o autor estabelece imposição de um estilo de vida saudável, pautado na ótica individualista e meritocrática de mundo. Neira e Nunes (2009) demonstram que existe um campo de disputa simbólico e material sobre as práticas corporais que impõe essa concepção de que os sujeitos precisam ser/estar saudáveis para se encaixar num determinado padrão de convivência/saúde. A transformação do Breaking em esporte evidencia isso, pois cria um caminho pavimentado na lógica funcionalista, em que eu não preciso compreender os saberes históricos contestatórios de determinadas práticas, pois preciso apenas usufruí-la, corroborando com a validação dos métodos “científicos” de benefício da prática de atividade física para à saúde. Isto é, uma prática que poderia ser repassada de geração em geração de forma comunitária e historicizada, agora precisa ser comercializada e ter o status de esporte para ganhar mais reconhecimento, vide o aumento de escolas de dança que abordam sobre o Hip-Hop.

No segundo trabalho nessa perspectiva, com o título: “A conexão Street Dance e das telas com o desenvolvimento infantil: um olhar da psicomotricidade”, de Miglioli

(2021) objetivou analisar dois artigos que tratam a respeito do desenvolvimento psicomotor infantil. Um deles, denominado: “Street Dance e a Psicomotricidade” tem como meta apresentar a história do “Street Dance”, e falar sobre os benefícios proporcionados por aulas estruturadas ao desenvolvimento psicomotor, podendo então ser uma alternativa de atividade psicomotora. Aqui vale salientar que não existe um cuidado da autora em entender o universo do Breaking, aqui novamente generalizada pelo termo “Street Dance”. Portanto, ela conclui que:

[...] o tempo excessivo no uso de telas para crianças pode ser prejudicial ao seu desenvolvimento saudável. [...] que as crianças estão conectadas na maior parte do seu tempo, tendo acesso a conteúdos em redes sociais, televisões, aplicativos de vídeos e filmes, sendo que são nesses mesmos ambientes virtuais que o Street Dance está presente. Durante as Olimpíadas de Tóquio 2021, o Comitê Olímpico Internacional confirmou que em 2024 o Breakdance será incluso nos Jogos Olímpicos. Dessa forma potencializará a atenção sobre o Street Dance. O segundo elo está nos benefícios da aula dessa modalidade: relacionados a aspectos cognitivos, motores, sociais e afetivos, ou seja, aspectos psicomotores, sendo também esses prejudicados no excesso do uso de telas. Logo, as crianças estão passivamente emergidas na cultura do Street Dance através das telas, porém estão inativas e ociosas, tendo seu desenvolvimento psicomotor prejudicado. Com isso, incentivar as crianças a participarem de aulas de dança, pode ser uma estratégia motivante, visto que ao invés de apenas “assistir” ao conteúdo de dança, elas também irão praticá-la, promovendo benefícios ao seu desenvolvimento, através dos movimentos corporais, socialização, agudez de raciocínio, estimulando a criatividade e aumentando seu conhecimento cultural, sendo que o Street Dance além de dança é um movimento social [...] Um terceiro elo diz respeito à aprendizagem motora. [...] Para dançar uma coreografia, é necessário aprender um passo de dança específico por vez (aprendizagem do movimento) e então interligá-los. A junção desses passos em perfeita sintonia com o ritmo da música, com ritmo cardiorrespiratório, com a entonação nos movimentos e considerando todos os sentimentos gerados naquela performance, apresenta-se a análise através do movimento (MIGLIOLI, 2021, p. 68 e 69).

Aqui temos o primeiro relato direto da nova ordem de importância do Breaking quando citado sobre sua estreia nos Jogos Olímpicos. A autora reforça o

quanto o uso de telas pelas crianças pode ser prejudicial para seu desenvolvimento físico, motor, intelectual, reforçando como a prática do Breaking pode ser benéfica para elas do ponto de vista da psicomotricidade, novamente desconsiderando o seu caráter histórico e de contestação social, como prevê sua base epistemológica.

7.1.2 Visão Crítica do Breaking

Essa categoria foi onde encontramos mais trabalhos, totalizando 6 produções. Todos eles fazem alguma relação da produção cultural do Breaking como um movimento contra hegemônico, sem tensionar como essa visão de mundo se concretiza, dando uma ideia rígida de ser sempre assim, ou que existe uma raiz histórica que não pode ser redesenhada. Vamos a elas:

O primeiro trabalho, denominado “A dança do movimento Hip Hop em Natal/RN: Conceitos, significados e contribuições para a educação física”, de Gonçalves (2018), visa investigar que conceitos e significados são atribuídos ao “Break” por estudantes de escolas públicas em Natal e região, assim como que contribuições eles acreditam que a abordagem da Dança do Movimento Hip Hop oferece para a Educação Física escolar. A autora trata o Breaking como “Break”, generalizando por vezes essa prática como “danças urbanas”, tratada por ela como Movimento Hip Hop. Para concluir, apresenta que as “danças urbanas” trazem à tona uma identidade específica de luta e resistência que se reflete em seus dançarinos espalhados em diversos pontos do planeta e também se fez presente nas escolas cujos grupos participaram deste estudo. Acompanhamos a luta diária contra conceitos pré-concebidos em relação às “Danças Urbanas” e seus dançarinos, contra a falta de estrutura e condições e pelo direito de se expressar, gostar, ser.

Independente da instituição onde esse estudo foi realizado, os entrevistados apontaram que havia preconceito contra as “Danças Urbanas”. Ainda se cultivava entre alguns colegas, parentes, professores e membros da administração das escolas o pensamento que tais danças associavam-se a comportamentos vadios e/ou criminosos.

Os dançarinos relataram que muitos daqueles que não faziam parte dos grupos frequentemente manifestavam desprezo pelas *“Danças Urbanas”* e diziam que essas danças pouco poderiam contribuir para com seus praticantes. Foi percebido que vários entrevistados não estudavam o contexto sociocultural das *“Danças Urbanas”* e sobre o Hip Hop. O que fica evidenciado no modo como responderam algumas indagações da entrevista. Por exemplo, as respostas sobre o conceito de Hip Hop baseadas somente em suas experiências individuais com as danças. Isso pode gerar empecilhos para a abordagem e valorização dessas danças no ambiente escolar.

O segundo texto, com o título: *“Por uma pedagogia Hip-Hop: o uso da linguagem do corpo e do movimento para a construção da identidade negra e periférica”*, de Dias (2018), traz uma ideia muito cristalizada de “resgate” da cultura hip-hop, em especial o Breaking das suas “raízes” africanas e toda a população negra que a constituiu, como forma de reconstituir a pedagogia Hip Hop. O trabalho objetiva analisar em que medida as expressões estéticas do hip-hop, em especial a dança Breaking, coadunam-se com a ideia de Béthune (2003) de telescopia histórica, de acordo com a qual tais manifestações tenderiam a atualizar a tradição cultural afro-americana e afro-brasileira por meio de um olhar estético contemporâneo, como estratégia de luta e de fortalecimento sociocultural para a juventude negra e periférica.

A autora conclui que por meio das diversas experiências de formação que envolvem o corpo negro e periférico, a importância de se estudar e pesquisar novas situações didáticas, a fim de viabilizar possíveis caminhos de atuação de artistas educadores e formadores/pesquisadores na rede de ensino público para a ampliação e difusão desse projeto como uma ferramenta metodológica capaz de despertar o interesse e o engajamento da juventude negra e periférica.

O terceiro trabalho, chamado: *“Danças urbanas e TIC na educação física escolar: possibilidades para o terceiro ciclo do ensino fundamental a partir da BNCC”* de autoria de Paulo (2021); traz uma experiência de planejamento e construção de aulas que tematizam as danças urbanas²⁴, que aqui novamente são sinônimos do Breaking e

²⁴ Aqui, não há o destaque em grifo, pois a pesquisa trata de outras danças da cultura Hip Hop.

de outras danças do Hip Hop. A autora visa produzir um material didático referente ao conteúdo de Danças Urbanas, baseado nos direcionamentos da BNCC para o 3º ciclo do Ensino Fundamental, que promovesse uma possibilidade para o trabalho de professores que enfrentam diferentes limites para desenvolver o conteúdo. Ademais, construir um site educacional, para divulgação do material, contendo também informações sobre o tema. Mesmo que o trabalho tenha tematizado outras danças da Cultura Hip Hop, muitas das aulas elaboradas são fomentadas para tematizar especificamente o Breaking, por isso o motivo de termos classificado este trabalho para análise. Como conclusão, a autora aborda que as TIC como ferramenta importante de divulgação do material, sendo essa o site educacional, que viabiliza o fácil acesso do professor interessado ao material disponível na plataforma, e como ferramenta para as vivências dos planos de aula, com vídeos do Youtube utilizados como recurso metodológico no desenvolvimento de atividades.

O quarto trabalho destacado, produzido por Pessoa (2019), denominado: “Educação Física, linguagem e inclusão: o hip hop como ferramenta de humanização e produção cultural de jovens e adultos com deficiência intelectual e autismo”, objetiva analisar as múltiplas formas de linguagem presentes em uma experiência de ensino-aprendizagem do Hip Hop como instrumento de humanização e de inclusão social de pessoas com deficiência intelectual e autismo. Para tanto, o estudo problematiza os diversos sentidos que a linguagem pode produzir na constituição humana desses sujeitos. Dentro dessas linguagens da Cultura Hip Hop, a autora destaca profundamente a experiência do “Break” nos encontros com o grupo objeto de pesquisa. A autora ampara-se na perspectiva histórico-cultural, em especial no trabalho de Lev S. Vygotsky, para apontar a importância do contexto histórico e cultural, bem como das interações sociais para o processo de humanização dos sujeitos.

Para concluir o estudo, em especial na parte do “Break”, a pesquisadora destaca que não só os elementos que já fazem parte do Hip Hop, mas também outras formas de expressão se apresentaram como. Além disso, os alunos também puderam usar seus próprios corpos para expressarem-se, superando aquele jogo de “perguntas e

respostas” orais que os professores costumam fazer no fim das aulas para avaliar se o conteúdo alcançou os alunos, de modo que ficam aguardando a resposta dos “oralizantes” enquanto os que não oralizam não recebem atenção ao se expressarem em seu silêncio oral mesmo que seu corpo grite simultaneamente. Isso reafirma que os seres humanos adquirem linguagem em suas múltiplas formas, a partir de suas vivências socioculturais e, paulatinamente, vão desenvolvendo também os elementos cognitivos e de linguagem que, permitem-lhes apropriar-se dos significados de seu entorno cultural e atribuir sentidos a eles.

O quinto texto, com o título: “Movimento Hip Hop em Florianópolis: Um estudo sobre as diferenças sociais entre sujeitos que dançam”, de Crippa (2021) visa compreender de que forma as diferenças sociais, de classe, gênero e raça se configuram no movimento Hip Hop de Florianópolis e se ou como essas diferenças afetam a forma de cada sujeito se relacionar e perceber esta cultura, através de uma pesquisa qualitativa, com 8 b.boys e b.girls. Além disso, busca compreender o Hip Hop tanto em sua dimensão social, quanto particular. Percebendo como estes indivíduos se relacionam socialmente em seus grupos e que espaços ocupam, como também a relação mais pessoal e subjetiva que estabelecem com a dança no Hip Hop. Como conclusão, a autora destaca que a relação com o Hip Hop se dá de maneira bastante intensa, apontando caminhos para uma autopercepção e expressão de si. Percebemos como a partir desta cultura, muitos sujeitos buscam construir suas próprias narrativas e traçar suas próprias histórias, muitas vezes indo de encontro a um sistema onde a arte não é valorizada, muito menos a arte de rua, e onde não existem as mesmas oportunidades e possibilidades para todos. O Hip Hop é, para muitos, uma possibilidade de existir e se colocar no mundo.

Por último, o sexto trabalho denominado “Movimento Hip Hop e Danças Urbanas: produção acadêmica de 2005 a 2019”, de Antunes (2021), único nesse recorte com a característica de revisão de literatura, que tem o foco investigar as “danças urbanas” da cultura hip-hop, compreendendo como elas se desenvolvem, o que

representam e de que forma beneficiam seus praticantes e pessoas inseridas nesse universo. Trata-se de um estudo de abordagem qualitativa e quantitativa que possui como objetivos: 1) fazer uma revisão do Hip Hop e das “danças urbanas” a partir de seus contextos históricos, culturais e como manifestação no campo do lazer e 2) analisar o Hip Hop e as “danças urbanas” a partir da produção acadêmica no período de 2005 a 2019.

O autor conclui que foi possível identificar que o Hip Hop e as “danças urbanas” são utilizadas a partir de objetivos e perspectivas diferentes, considerando a sua versatilidade e pertinência ao ser abordada. Cada estudo analisado verificou o desenvolvimento de tais manifestações em contextos específicos, porém todas as obras trouxeram representações positivas sobre o desenvolvimento dessas atividades. Ao verificar a realização do Movimento Hip Hop e das “danças urbanas” como atividades do contexto do lazer, pôde-se observar que as obras apresentam um olhar funcionalista, pois identificou-se que os objetivos com a prática tinham como sentidos a diversão, da busca pelo prazer e pela satisfação. Por outro lado, foi possível notar também que apresentaram essas práticas como ferramentas importantes na busca pela promoção social, desenvolvimento da capacidade de criticidade, mais oportunidades, reconhecimento, identidade e a construção de novos valores, pautados nos ideais da cultura Hip Hop.

Todos esses trabalhos nos ajudam a entender como, de fato, a prática corporal do Breaking, que surgiu num contexto marginal, de emancipação de diversas populações excluídas, como os afro-americanos e latinos, no contexto estadunidense, ou dos jovens periféricos que espalharam a prática por todo o Brasil, foi sendo moldada em discursos sobre ela carregada de valores, concepções, identidades de seus praticantes, marcados por uma estética gestual, de vestimentas, de condutas etc.

Um dos exemplos sobre identidade, se encontra no primeiro trabalho citado, “A dança do movimento Hip Hop em Natal/RN: Conceitos, significados e contribuições para a educação física”, de Gonçalves (2018), ao retratar nas considerações finais que os sujeitos participantes da pesquisa expuseram que tais

danças eram associadas a comportamentos vadios e/ou criminosos pelas pessoas da comunidade escolar (alunos, pais, gestores). É válido tensionar qual o percurso para as pessoas associarem o Breaking às práticas ruins/criminosas. Será se essa prática fosse veiculada historicamente por determinados grupos e espaços, como uma dança feita majoritariamente por pessoas brancas num teatro clássico, teriam essa mesma percepção? Numa análise embasada pelo viés crítico mais ortodoxo, em que as forças de dominação encontram-se no âmbito econômico, essas discussões não estão em pauta, pois a preocupação é verificar como tais práticas culturais podem estremecer a ordem capitalista.

Essas identidades foram acentuadas nos trabalhos destacados acima, porém não foram problematizadas a fundo. A impressão que se tem lendo as produções é que existe uma raiz histórica comum no surgimento do Hip Hop, em especial no Breaking, que, mesmo agrupados de modo genérico nos termos, "danças urbanas", "danças de rua", "Break" etc., trazem, na maioria das vezes, o discurso de reivindicação social do sistema capitalista, mesmo em trabalhos que vão falar do Breaking como esporte (este pautado num sistema meritocrático e organizado muitas vezes na lógica neoliberal), como é o seguinte caso

Uma proposta [...] a ser desenvolvida nas escolas, – centrada no Hip-Hop e, em particular, em um de seus elementos, o breaking – em que os (as) alunos (as) possam vivenciar a dança, e por meio dela, tenham contato com a ancestralidade e com sua própria história, parece-nos uma oportunidade ímpar, com grande potencial de formação para a juventude negra e periférica. E que, desse modo, possa compreender o corpo como um elemento resignificador. Ressalte-se, em nossa atualidade, que o Comitê Olímpico Internacional (COI) oficializou a entrada do breaking nos Jogos Olímpicos da Juventude de 2018, cuja competição acontecerá em Buenos Aires –Argentina, para atletas entre 14 e 18 anos, na tentativa de despertar nos jovens o espírito olímpico, atraindo assim mais adeptos. Canadá e China, por exemplo, já incluíram a modalidade de dança breaking no currículo escolar como forma de, não apenas preparar os jovens para as Olimpíadas, como também difundir a cultura entre os jovens em formação. A nosso ver, no Brasil, cabe unir forças em conjunto com a Federação Paulista de Breaking, criada em 2017, para se pensar formas de difusão da dança, a fim de reconectar a juventude ao universo escolar. Se levarmos em

consideração nossa experiência na ONG Casa do Zezinho, na qual, dentre os 1500 participantes que viveciaram a dança, cerca de 500 competiram nesta modalidade no último evento realizado na instituição, é possível depreender seu grande potencial unificador e de formação da juventude brasileira. Acreditamos que esta pesquisa identificou na dança breaking um potencial para uma formação justa, democrática e emancipatória, sobretudo para os (as) jovens negros (as) periféricos (as), ao desvelar toda a barbárie a que o negro foi submetido e ainda o é. Para tanto, foi necessário provocar o choque, por meio de experiências e narrativas no ir e vir entre o passado e o presente, gerando práticas educativas capazes de permitir tocar em feridas abertas, tornando possível, ao mesmo tempo, potencializar a criatividade dos (as) jovens, utilizando o Hip-Hop como um universo de possibilidades (DIAS, 2018, p. 174 e 175).

Esse recorte é carregado de sentidos e significados sobre algumas representações do esporte, como aquelas que estão ligadas ao “poder” de salvamento da institucionalização de uma prática corporal no formato esportivo, direcionada para a juventude mais vulnerável socialmente, ainda mais se está dentro dos moldes do “espírito olímpico”, carregado de valores éticos e morais que concentram a mais pura honraria que é concedida à um ser diferente, como o atleta de alto-rendimento.

Essa representação de salvamento do esporte para os mais necessitados, é reconfigurado quando uma prática corporal antes marginal é “capturada” pela onda neoliberal e torna-se esporte, isto é, junta-se a história da prática corporal criada na margem da sociedade que agora se transformou em esporte e está em outro status social e, assim, pode retornar para o usufruto dessa população carente, mas como outra finalidade, a do assistencialismo e da livramento das mazelas sociais, como o envolvimento com o tráfico de drogas e outros tipos de crimes.

Portanto, é sempre válido ressaltar, como destaca Hall (2008) que as forças atuantes para estabelecer as nossas identidades têm sempre uma intenção de invocar uma origem estável para manter uma conexão com as novas produções e, quando isso desvia um pouco da rota, algo errado está acontecendo. Na verdade, para efetivar tal fato, é sempre utilizada os recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos, ou seja, como nós temos sido representados e como essa representação afeta a forma como nós

podemos nos representar. Isto, nada mais é do que a invenção da tradição, do famoso “retorno as raízes”.

7.1.3 Visão Pós-Crítica do Breaking

Quando criamos essa categoria, a ideia era agrupar trabalhos que tivessem alguma ruptura com o discurso cristalizado dos saberes sobre o Breaking, como o de crítica social constante presente, por exemplo, na criação dos movimentos corporais robóticos que faziam alusão à substituição da mão de obra operária em detrimento dos robôs na indústria, muito comum nas teorias críticas. Entretanto, esses agrupamentos são traiçoeiros, visto que podem proporcionar generalidades de conceitos epistemológicos que tem suas características próprias, como as teorias pós-críticas, pós-modernas ou pós-estruturalistas e o campo dos EC (que permeiam essas correntes teóricas). Mesmo com essa condição, decidimos fazer essa organização como “Visão Pós-Crítica”, pois comporta de forma mais ampla o que pretendemos discutir.

Sendo assim, selecionamos quatro trabalhos que buscam olhar a trajetória de dançarinos de Breaking em produções de caráter etnográfico. O primeiro, com o título: “Entre o liso e o estriado: percursos dos jovens dançarinos urbanos do Rio de Janeiro”, de autoria de Correia (2015), faz uma pesquisa etnográfica, usando as ideias de Certeau, Deleuze e Guatarri, para compreender a trajetória de dançarinos do Rio de Janeiro que praticam “danças urbanas”. Vale salientar que novamente os praticantes de Breaking são tratados de forma generalista nessa definição de “danças urbanas” pela autora. A pesquisadora pressupõe que através das “danças urbanas” os sujeitos se constituem como ser humano e profissional na contemporaneidade, na qual as interdições sociais já não são tão limitantes como foram outrora. Assim, visa investigar como tal processo se dá na cidade do Rio de Janeiro, estudando as artes de fazer destes atores, os dançarinos urbanos, bem como, evidenciar o processo de institucionalização desta prática enquanto modalidade de arte-espetáculo. Mais detalhadamente, este objetivo se divide em três aspectos: investigar suas táticas para organizar o

acontecimento de sua dança na cidade; descrever suas formas de narrar suas próprias histórias de vida e perspectiva e; analisar suas experiências em recriar a “dança de rua” original do movimento Hip Hop em novas linguagens.

Como conclusão, ela destaca que os percursos dos b.boys surgem a partir de diferentes direções, uns partindo dos ramos da cultura Hip Hop, outros entrecruzando-se com ela, com maior ou menor grau de emaranhamento. É um sistema, pelo qual não se identifica nem começo nem fim, mas uma série de linhas que se encontram, gerando vários meios que crescem, multiplicam-se, até que se metamorfoseiam e, chegando a um “fora” de uma certa organização, se desterritorializam. A expansão de um rizoma²⁵, os caminhos abertos pelos percursos dos dançarinos encontram troncos e raízes de árvores, que tanto podem se romper, quanto podem transformar este objeto a partir dos novos usos que fazem dele. Neste contexto nos parece que os dançarinos já têm uma estirpe mais densa, tendo maior lucidez a respeito das árvores que melhores se prestam a parasitar e, também, das formas de sobrevivência rente ao chão. Conquistam suas experiências para que, diante de suas contingências de serem homens, jovens profissionais e artistas, possam dançar e sobreviver. Percorrem de forma mais devagar os planos estratégicos e por isso parecem ter conquistado alguma estabilidade que já os permite ter visão panorâmica, ainda que bastante breve.

O segundo texto, da mesma autora, justamente com Da Silva e Ferreira (CORREIA; DA SILVA; FERREIRA, 2017), como o título: “Do racha na rua à batalha no palco: cenas das danças urbanas”, é um artigo publicado que tem relação com o capítulo 1: “Estudo 1 – Do racha nas ruas a batalha nos campeonatos: O acontecimento das danças urbanas no Rio de Janeiro de sua tese de 2015”, da tese da Correia (2015) que citamos acima. O objetivo deste ensaio é verificar como o Breaking se ressignifica ao sair das ruas, descolando-se da sua origem, nas festas e eventos exclusivos da cultura Hip

²⁵ Por rizoma compreendemos uma maneira de entender o pensamento como raízes, galhos. Em outras palavras, os rizomas são espécies de braços abertos dentro de uma trajetória histórica que interrompem o fluxo contínuo da história e abrem novas formas de articulações dos elementos. Para mais informações, acessar: DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. Introdução: Rizoma. In: _____. **Mil Platôs**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011. v. 1.

Hop, para ganhar espaços esportivizados. As autoras discutem seus achados a partir dos conceitos de Certeau, sobre o agir estratégico e as astúcias do cotidiano, bem como as propostas de Deleuze e Guatarri, a partir da metáfora do espaço liso e do espaço estriado.

Como conclusão, as pesquisadoras analisaram documentos ligados à sites de eventos esportivos de “danças urbanas”, e verificaram que os praticantes estavam valorizando cada vez mais esses espaços institucionalizados, em detrimento do encontro cotidiano nas ruas, proclamado nas narrativas ancestrais do Movimento Hip Hop.

Contudo, com o advento de projetos esportivos grandiosos para o Breaking, como são os casos do Red Bull BC One e da Rio H2K, alguns participantes se firmam a partir dos elementos do *show business*, podendo investir em uma competição de alto nível performático (Red Bull BC One), ou se aproximar mais do espírito de um grande evento para um público de jovens estudantes de dança reunindo todos estes elementos: workshops, shows, festas e batalhas. Um último, a Arena Híbrida, se desloca para um campo de uma maior profissionalização artística, ao mesmo tempo em que também investe em um formato mais acadêmico, com mesas-redondas e debates.

No olhar das pesquisadoras, os diversos níveis de competições, sejam elas patrocinadas por grandes empresas que estão de olho no público jovem, sejam os eventos que tentam carregar as características dos encontros de rua, como a Arena Dicro, esta diversidade, avaliada de forma distante, poderia apontar indícios de que este descolamento da dança em relação ao Hip Hop estaria se dando a partir da formação de diferentes tribos de dançarinos, que passariam então a transitar por diferentes universos e a tecer novas redes de relacionamento a partir desta caminhada. Porém, as autoras destacam alguns pontos sobre esse assunto

No entanto, desde a investigação nas redes sociais, até o momento dos eventos, pôde-se notar que estes descolamentos não são definitivos, nem indicam caminhos sem cruzamentos. Nota-se que em cada evento há um grupo mais afim à organização e ao estilo daquele acontecimento, mas isto não significa uma opção radical. Um mesmo

dançarino pode estar com sua crew no racha mais aguerrido no Bboy Confronto, na plenária de debate do Arena Híbrida e no delírio da plateia no Red Bull Bc One. Ao final destas considerações, acabamos por acrescentar aos conceitos de Deleuze e Guattari acionados neste estudo, o rizoma como ilustração do que se evidenciou em nosso campo de estudo. Assim como o tecido liso, rede rizomática é sistema “acêntrico”, onde não se identifica aí começo nem fim, mas uma série de linhas que se encontram, gerando vários meios que crescem, multiplicam-se. A singularidade do rizoma está em metamorfosear-se e, chegando a um “fora” de uma certa organização, acaba por se desterritorializar (DELEUZE; GUATARRI, 2011). Os eventos dos jovens dançarinos urbanos e suas adesões aos mesmos surgem a partir de diferentes pontos, uns partindo dos ramos da cultura hip hop, outros vindo de planos mais estratégicos, entrecruzando-se com esta cultura de rua, com maior ou menor grau de embaraçamento. Acabam por formar algo novo, que não é mais o racha da antiga esquina, mas que não se limita ao “campeonato” previsto nos regulamentos das batalhas (CORREIA; DA SILVA; FERREIRA. 2017, p 229 e 230).

Por fim, as pesquisadoras destacam que o trânsito tranquilo que os b.boys fazem entre o grande espetáculo do Red Bull e o encontro militante do b.boy BM revela a convivência entre os aspectos de resistência e reprodução. Ou seja, falando sobre a relação dos grupos jovens com a cultura dominante, em termos de ressonância ou dissonância. Ao mesmo tempo em que os dançarinos permitem que esta cultura dominante se aproprie e ressignifique os elementos do Hip Hop, também aderem a um revivalismo tribal, não voltando ao movimento primitivo, mas sim construindo um discurso memorial daquilo que não viveram, nos primórdios do Hip Hop.

O terceiro, denominado: “Danças urbanas: estratégias de governo de corpos juvenis no currículo escolar”, (PAULINO, 2020) traz como objetivo compreender os modos pelos quais as “danças urbanas” têm sido utilizadas, especificamente, como estratégia de governo dos corpos juvenis no currículo escolar de uma escola estadual em Canoas (RS). Além disso, verificar os meios e modos de ação dessa governamentalidade. Aqui, a autora refere-se, ainda, a conceitos-ferramenta com que posso operar – governo, governamentalidade e biopolítica. Neste trabalho, temos mais uma autora que generaliza o termo “danças urbanas”, mesmo sendo uma praticante do Breaking.

Como conclusão, a autora discorre sobre as pautas das “danças urbanas” e do currículo escolar. Ela aborda que há alguns anos havia poucas produções científicas e acadêmicas sobre as “danças urbanas” e, que atualmente essas práticas têm sido foco de muitas pesquisas dentro da Educação Física e das Artes, sendo em sua maioria, pesquisas que possuem foco na sua historicidade. Entretanto, sua ligação com outras áreas é possível e imprescindível para que possamos analisar e refletir suas diversas formas de interação com a sociedade. Essa curiosidade levou-a a articular as “danças urbanas” e o currículo escolar com os conceitos de governamentalidade, governo e biopolítica, em uma perspectiva dos Estudos Foucaultianos.

Refletindo sobre sua própria prática, como uma professora que busca lutar contra as amarras do neoliberalismo, e suas condutas de meritocracia, ela destaca o quanto continuava, através de suas ações profissionais, alimentando essa lógica e reproduzindo isso junto com seus alunos dançantes. E neste sentido, acredita ser fundamental a aliança do professor-pesquisador, para que possamos trazer cada vez mais reflexões que possam impactar nosso dia a dia, e que nos faça tomar decisões cada vez mais conscientes dos nossos objetivos, ao iniciarmos uma aula.

O quarto trabalho, denominado: “O corpo que dança: os jovens e suas tribos urbanas”, de Vilela (1998), a autora ao falar do “Break” ancora-se em Lyotard, um intelectual que embasou suas ideias na perspectiva da pós-modernidade. Assim, pretende investigar o cotidiano de “tribos” de dançarinos de “Break” e Funk Miami, nos bailes da cidade de Campinas/SP. Junto a este tema, foram levantados os dados e contextos dessas danças, vividas em momentos de ritos e festas, bem como pontos relevantes sobre sua significação na vida dos seus criadores. Essa pesquisa de campo demonstrou como conclusão que a estética da dança proporciona aos dançarinos a possibilidade de existência enquanto seres que pensam com seus corpos no mundo. A arte da dança deu voz e corpo às tensões e contradições do mundo em que vivem, atuando também como “válvula de escape” para as pressões da sociedade e do mundo adulto.

Todavia, no capítulo das considerações finais, a autora traz uma análise de viés crítico, destoando um pouco do próprio referencial pós-moderno usado para falar do *“Break”* ao longo do texto, como na citação abaixo

O Break critica corporalmente o sistema, questiona relação da tecnologia com o humano, liberta o corpo das amarras sociais, mesmo que simbolicamente e estabelece padrões democráticos (roda e improvisação) para a vivência do grupo.

[...] O Break vai de encontro às estruturas dominantes de separação urbana (não só invade o centro, como as ruas do centro para dançar), de hierarquias (cada um que chega na roda no Break pode entrar e dançar, assim que desejar, respeitando as regras do grupo), de liberdade de movimento (cada um é livre para dançar a sua sequência), e da relação entre o indivíduo e o grupo (VILELA, 1998. p. 222).

Ainda afirma: “[...] O *“Break”* rejeita os padrões impostos, questiona e propõe condutas através do corpo; por isso, dificilmente será integrado a academias de ginástica” (VILELA, 1998. p. 222). Nesse recorte, encontramos uma visão de mundo do final dos anos 1990, marcada pelo discurso antissistema da Cultura Hip-Hop. Hoje, o cenário de aulas de Hip Hop e, por que não, de Breaking nas academias de ginástica é uma realidade.

Nesses exemplos, conseguimos encontrar trabalhos que discutissem a trajetória dos praticantes da cultura do Breaking, mas que tensionassem as generalizações sobre as identidades desses grupos, as representações que eles têm na sociedade e como a nova ordem esportiva que adentra essa prática pode e deve ser questionada.

7.2 Quais são as fontes que falam sobre o Breaking?

Quando escrevi meu trabalho de conclusão de curso para obter o título de licenciado em Educação Física, pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo/SP,

junto de minha colega Maria Verônica Cunha de Sena, em 2015²⁶, que também tematiza o Hip-Hop, vieram-me algumas indagações quando fomos compor o texto sobre a parte do Breaking.

Primeiramente, não éramos praticantes de nenhum elemento da Cultura Hip-Hop, então, buscamos a ciência como fonte para falar sobre a história dessa prática corporal. De início nos chamou atenção algumas afirmações feitas por pesquisadoras que declaravam que os movimentos corporais da dança eram uma contestação do sistema vigente, através de imitações de robôs, em alusão as transformações tecnológicas que aumentavam as desigualdades entre os mais ricos e mais pobres nas metrópoles estadunidense. Esses movimentos corporais criaram, segundo essa ótica, as variações do *“Break”*, como o estilo Popping e Locking, que se caracterizavam pela imitação de movimentos robóticos. Essa alusão se dava pela substituição da mão de obra operária pelo uso de novas tecnologias robotizadas, que, conseqüentemente, gerava um desemprego acelerado nessa parcela da população (OLIVEIRA, 2006).

Outra afirmação consiste na representação, através do movimento do *“Break”*, dos soldados que vinham da guerra do Vietnã e se encontravam amputados e/ou em situação de mutilamento, estes em sua maioria negros, no qual B. Boys (garotos que dançam *“Break”*) e B. Girls (garotas que dançam *“Break”*) desenvolvem suas técnicas referindo-se a esses fatos históricos, bem como movimentos representando a hélices dos helicópteros utilizados na guerra, entre outras representações (DIÓGENES, 2006).

Naquele momento de escrita do trabalho, por inexperiência ou por desconhecimento, não conseguimos achar outras definições históricas que falassem sobre a criação dos movimentos corporais que compõem o Breaking, assim, optamos por usar essas referências.

²⁶ Vide: SANTANA, Gustavo José; SENA, Maria Verônica Cunha de. **Movimento hip hop e as possibilidades como instrumento educacional**. Trabalho de conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação Física do Centro Universitário Adventista de São Paulo. São Paulo, SP, UNASP: 2015. 64 f. Disponível em: https://biblioteca.sophia.com.br/9198/index.asp?codi_go_sophia=497625.

Essas afirmações citadas acima foram impactantes devido seu caráter contestatório, todavia, ao ampliar as buscas para realizar este TCC, esses questionamentos retornaram, justamente porque encontrei referências que contestavam os discursos destacados nos trabalhos supracitados. Essas referências são as produções audiovisuais, como vídeos no Youtube, ou documentários nas plataformas de Streaming, como a Netflix, em que trazem a versão dos fatos de pessoas que fizeram parte da história da Cultura Hip Hop, como as já destacadas mídias (MARCO ZERO DO HIP HOP, 2014; RUBBLES KINGS, 2015 e VVART, 2017).

Vale destacar autores da academia que trouxeram contribuições que ampliaram a repetida noção de criação de alguns movimentos corporais do Breaking, como a seguinte afirmação: “[...] a simulação dos movimentos dos homens que voltavam mutilados da Guerra Vietnã, o que pode ser visto como uma arte crítica, já que a maioria dos soldados que morriam nessa guerra eram negros” (PESSOA, 2019, p. 79). Esses autores como Correia; Da Silva e Ferreira (2017) e Vilela (2018), trazem outras referências sobre os significados da dinâmica dos encontros e suas alterações de nomes, como destacam, a própria mudança de nomenclatura dos encontros de dança, que antes era denominado de racha e atualmente é chamado de batalha, demonstram que esse caminho de institucionalização esportiva não é mero acaso. O racha sugere o encontro fortuito, no qual qualquer dançarino pode se desprender da roda e entrar no desafio, como se caracterizou as rodas dos encontros e seu formato mais democrático. A batalha é um elemento semântico da guerra, na qual o adversário é previamente conhecido e estudado, possibilitando o planejamento de uma estratégia, o que, na concepção deste mesmo autor, seria um agir típico dos sujeitos de poder.

Tendo em vista que, nesse recorte de pesquisa, o discurso predominante na academia sobre o Breaking faz essa relação dos movimentos corporais sempre como uma crítica social, destacamos que, mesmo os trabalhos que entrevistam praticantes da Cultura Breaking, a noção de criação identitária dos movimentos corporais em alusão aos fatores históricos antissistema estadunidense são muito presentes, como nos trabalhos de Dias (2018), Correia (2015) e Crippa (2021).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As culturas juvenis, em especial aquelas que despertam interesse de grandes conglomerados empresariais, mesmo que sejam produzidas inicialmente pela parcela menos privilegiada da população, estão em evidência para uma possível reconfiguração de suas dinâmicas, intenções e interações, justamente pelas relações de poder discursivas e materiais presentes nesse campo de disputa.

Inquieto com o cenário de novas práticas esportivas no cenário olímpico, como o Breaking, da Cultura Hip Hop, objetivamos investigar essa prática corporal, a fim de identificar quais são as produções acadêmicas que relacionam o Breaking com a Educação Física, Esporte e os Jogos Olímpicos/Olimpíadas, bem como discutir quais são os saberes produzidos sobre o Breaking nessas produções, e analisá-los a partir da perspectiva dos EC. Por fim, colaborar com a discussão do Breaking como transição de uma prática marginalizada para um esporte olímpico.

Dos 121 trabalhos pesquisados, nos termos chaves selecionados, apenas 12 tinham relação direta entre o Breaking, a Educação Física e/ou Esporte. São essas 12 produções que foram analisadas e classificadas de acordo com o viés discursivo presente neles, como o dos benefícios para a saúde global dos sujeitos praticantes do Breaking, seja através do aprimoramento físico que a prática proporciona, ou das finalidades terapêuticas; ou que trazem uma visão crítica sobre o Breaking com relação à Educação Física e o Esporte, destacando seu viés cultural estanque e idealista, muitas vezes, no que diz respeito ao seu caráter contra hegemônico e antissistema capitalista, que não vai discutir sobre as forças discursivas presentes no embate do que é posto como algo válido ou inválido pela sociedade; e por fim, os trabalhos que tem alguma relação com as teorias pós-críticas, isto é, que vão tensionar sobre os jogos de poder presente nos discursos sobre determinada prática.

Assim, criamos as seguintes categorias para classificar os dados encontrados nos textos selecionados: (1) Visão Biopsicossocial do Breaking; (2) Visão Crítica do Breaking e (3) Visão Pós- Crítica do Breaking. Boa parte dos trabalhos foram englobados

na categoria “Visão Crítica”, tendo em vista a densa produção de viés marxista que fala da Cultura Hip Hop com um movimento contra hegemônico e capaz de desestabilizar o sistema vigente. Até as produções classificadas na categoria “Visão Pós-Crítica”, por trazer autores que debatem o impacto da linguagem, da representação, da cultura na regulação da vida, por vezes permeiam esse caminho mais diretivo e inflexivo da visão estruturalista, como é o exemplo do trabalho de Vieira (1998), no qual destacamos certas contradições em suas considerações sobre o Breaking e os dançarinos analisados.

Ainda, verificamos muitas produções usando o mesmo discurso, poderíamos dizer até “folclórico”, sobre o surgimento dos movimentos corporais do Breaking, pois criasse uma verdade através de produções científicas que, muitas vezes não escutam quem faz parte da cultura analisada e determina certas “verdades” de acordo com o período histórico efervescente, como foi o caso desse novo acontecimento em meados da década de 60/70 nos Estados Unidos, denominado Hip Hop. Um ponto importante a se destacar, é que mesmo as produções que trazem as vozes dos praticantes que já estão imersos na Cultura Hip Hop (5 trabalhos), a maioria não tensiona o discurso de criação supracitado.

A produção dos vídeos citados nas referências (RUBBLES KINGS, 2015 e VVART, 2017), trazem um novo olhar e reforçam a necessidade de ampliarmos cada vez mais os espaços para os próprios praticantes, sejam eles oriundos das mais diversas praças de prática, como a rua, o espaço institucionalizado, o alto-rendimento etc.

Portanto, acreditamos que este trabalho tenha contribuído para iniciar o debate sobre o Breaking como esporte olímpico, porém ressaltamos a importância de avançarmos nesse debate, tendo em vista a relação que o Breaking assumiu com a Educação Física e o Esporte.

9 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Dariadison. **Movimento hip hop e danças urbanas**: produção acadêmica de 2005 a 2019. 2021. 101f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Ciências da Saúde, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 2021.

ARAÚJO. M. Hip-hop: uma batida contra-hegemônica na periferia da sociedade global. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. **XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Natal, RN – 2 a 6 de setembro de 2008. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2008/resumos/R3-0870-1.pdf>>. Acessado em: 15 de mar. de 2022.

BRASIL, Ministério da Cidadania/Secretaria Especial do Esporte. **Sobre o Bolsa Atleta**. Brasília: Disponível em: <https://www.gov.br/cidadania/pt-br/acoes-e-programas/bolsa-atleta/sobre-o-bolsa-atleta>. Acesso em: 15 de jun. 2022.

CBES: O que são os eSports. **CBeS**. Disponível em: <http://cbesports.com.br/esports/esports-o-que-sao/#o-que-e-esports>. Acesso em: 06 de jun. 2022.

CORREIA, Adriana Martins et al. **Entre o liso e o estriado**: percursos dos jovens dançarinos urbanos do Rio de Janeiro. 2015. 123pf. Tese (Doutorado em Educação Física) – Instituto de Educação Física e Desportos, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

CORREIA, Adriana Martins; DA SILVA, Carlos Alberto Figueiredo; FERREIRA, Nilda Teves. Do racha na rua à batalha no palco: cenas das danças urbanas. **Motrivivência**, v. 29, n. 50, p. 213-231, 2017.

CRIPPA, Isabella Alvarez. **Movimento Hip Hop em Florianópolis**: Um estudo sobre as diferenças sociais entre sujeitos que dançam. 2021. 75f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Ciências Sociais) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. Introdução: Rizoma. In: _____. **Mil Platôs**. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011. v. 1.

DERRIDA, Jacques. **Limited Inc**. Trad. Trad. Constança Marcondes Cesar – Campinas: Papiros, 1991. 212p.

DIAS, Cristiane Correia. **Por uma pedagogia hip-hop**: o uso da linguagem do corpo e do movimento para a construção da identidade negra e periférica. 2018. 198f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

DIÓGENES, Glória Maria dos Santos. **Cartografias da cultura e da violência**: gangues, galeras e o movimento hip hop. São Paulo: Annablume. [Fortaleza, Ceará]: Governo do Estado do Ceará, Secretaria da Cultura e Desporto, 1998. 247 p.

GONÇALVES, Luana Mayra Duarte. **A dança do Movimento Hip Hop em Natal/RN**: conceitos, significados e contribuições para a Educação Física. 2018. 100f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Centro de Ciências da Saúde – Departamento de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018.

GUARATO, Rafael. Os conceitos de “Dança de rua” e “Danças Urbanas” e como eles nos ajudam a entender um pouco mais sobre colonialidade (Parte I). **Arte da Cena** (Art on Stage), [S. l.], v. 6, n. 2, p. 114–154, 2020. DOI: 10.5216/ac.v6i2.66882. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/artce/article/view/66882>. Acesso em: 10 de mar. 2022.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & realidade**, v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez. 1997.

_____. Cultural Studies and its theoretical legacies. In: GROSSBERG, L. (Org.). **Cultural Studies**. New York: Routledge, 1992. p. 277-286.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva, Guaraeira Lopes Louro – 11. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 104p.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz. T. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2008. cap.3, p.103-133.

JOHNSON, Richard. O que é, afinal, Estudos Culturais? In: SILVA, T. T. (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?** Belo Horizonte: Autêntica, 2006. 236 p.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**: estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru/SP: Edusc, 2001. 454 p. [trad.] Ivone Castilho Benedetti.

LAGUNA, Marcelo. Paris-2024 irá ampliar a ‘fonte da juventude’ olímpica. **Olimpíada todo dia**, 6 de dez. 2020. Disponível em: <https://www.olimpiadatododia.com.br/laguna-olimpico/293743-paris-2024-novos-esportes/>. Acesso em 06 de jun. 2022.

MATTELART, Armand; NEVEU, Érik. **Introdução aos Estudos Culturais**. São Paulo/SP: Parábola, 2004. 214 p. [trad.] Marcos Marcionilo.

MIGLIOLI, Ana Luiza D'ávila Stuhk. **A conexão do street dance e das telas com o desenvolvimento infantil: um olhar da psicomotricidade.** 2021. 71f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Faculdade de Psicologia, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2021.

NEIRA, Marcos Garcia; NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Educação Física, currículo e cultura.** Phorte, 2009.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação.** 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. Cap. 1. p. 7-38. (Coleção Estudos Culturais em Educação).

NUNES, Mário Luiz Ferrari; NEIRA, Marcos Garcia. Os Estudos Culturais e o ensino da Educação Física. In: CANO, Márcio Rogério de Oliveira (Org.). **Educação Física Cultural.** São Paulo: Blucher, 2016. Cap. 6. p. 105-126. (Coleção A Reflexão e a Prática no Ensino Médio).

OLIVEIRA, Patrícia Daniela Lima. Hip Hop na perspectiva dos movimentos sociais In: SILVA, Ana. Márcia.; DAMIANI, Iara Regina. **Práticas Corporais: Construindo outros saberes em Educação Física.** Vol. IV. Florianópolis, Nauemblu Ciência e Arte, 2006. p. 63-83

PAULINO, Ádria. **Danças urbanas: estratégias de governamento de corpos juvenis no currículo escolar.** 2020. 106f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

PAULO, Chiara Juliani Pedro. **Danças urbanas e TIC na educação física escolar: possibilidades para o terceiro ciclo do ensino fundamental a partir da BNCC.** 2021. 84f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) – Faculdade de Educação Física – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Rio Claro, 2021.

PESSOA, Daiane Matheus. **Educação Física, linguagem e inclusão: o hip hop como ferramenta de humanização e produção cultural de jovens e adultos com deficiência intelectual e autismo.** 2019. 179f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Centro de Educação Física e Desportos, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2019.

PIMENTEL, Guilherme. Skate chegou a ser proibido nos anos 80 em São Paulo: relembre a polêmica. **Portal G1**, 26 de jul. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2021/07/26/skate-chegou-a-ser-proibido-nos-anos-80-em-sao-paulo-relembre-a-polemica.ghtml>. Acesso em: 06 de jun. 2022.

PIMENTEL, Spensy Kmitta. K. **O livro vermelho do hip hop**. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Jornalismo da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 1997.

PLACAR: Pérez vê desinteresse de jovens e diz que “Superliga vai salvar o futebol”. **Portal Placar**, 23 de set. 2021. Disponível em: <https://placar.abril.com.br/placar/perez-ve-desinteresse-de-jovens-e-diz-que-superliga-vai-salvar-o-futebol/>. Acesso em: 06 de jun. 2022.

PUIATI, Julio. O que é Streaming? Veja significado e streamers famosos de jogos. **Portal Techtudo**, 20 de out. 2019. Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/10/o-que-e-streaming-veja-significado-e-streamers-famosos-de-jogos-esports.ghtml>. Acesso em 06 de jun. 2022.

ROCHA, Janaína; DOMENICH, Mirela; CASSEANO, Patrícia. Hip Hop. **A periferia grita**. São Paulo, Perseu Abramo, 2001. 160p.

SALVIANO, Willian da Cruz. **Breaking e desenvolvimento motor: processo de ensino e maturação do movimento especializado freeze**. 2018. 54f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) – Escola Superior de Arte e Turismo, Universidade do Estado do Amazona, Manaus, 2018.

SANTANA, Gustavo José; SENA, Maria Verônica Cunha de. **Movimento hip hop e as possibilidades como instrumento educacional**. 2015. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física) - Faculdade de Educação Física, Centro Universitário Adventista de São Paulo, São Paulo, 2015. Disponível em: https://biblioteca.sophia.com.br/9198/index.asp?codi_go_sophia=497625. Acesso em: 5 jun. 2022.

SILVA, Tomáz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T.T. (org) **Identidade e diferença**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000, p. 73-102.

THORPE, Holly; WHEATON, Belinda: Como surfe, skate, BMX e escalada esportiva entraram nas Olimpíadas. **Rede Brasil Atual**, 25 de jul. 2021. Disponível: <https://www.redebrasilatual.com.br/esportes/2021/07/surf-bmx-skate-escalada-novo-s-esportes-olimpicos/>. Acesso em: 06 de jun. 2022.

UOL: Paris-2024 pode ser a última chance para skatistas brasileiros em Olimpíadas? **Portal UOL**, 05 de ago. 2021. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/olimpiadas/ultimas-noticias/bbc/2021/08/05/paris-2024-pode-ser-a-ultima-chance-para-skatistas-brasileiros-em-olimpiadas.htm>. Acesso em: 06 de jun. 2022.

UOL: País tem 38,578 milhões de trabalhadores atuando na informalidade, diz IBGE, **Portal UOL**, 28 de jan. 2022. Disponível em: <https://economia.uol.com.br/noticias/estado-conteudo/2022/01/28/pais-tem-38578-milhoes-de-trabalhadores-atuando-na-informalidade-diz-ibge.htm>. Acesso em 12 de jun. 2022.

VILELA, Lilian Freitas. **O corpo que dança: os jovens e suas tribos urbanas**. 1998. 235 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física, Campinas, 1998.

Referências Audiovisuais

MARCO ZERO DO HIP HOP. Direção: Pedro Gomes. Produção: Erica Rocha. Material de Arquivo: Alam Beat; Nelson Triunfo; Rooneyoyo; DJ Ric Bass. Roteiro: Andrelo Pe e Pedro Gomes. São Paulo, 2014: **Youtube** (15 min e 37 segs.). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3uoZ7ztjSDI&t=31s>. Acesso em: 12 de mar. 2022.

VVART TV. Griot Urbano - Início do Hip Hop [Ep.1] (1ª Temporada) #VVAR. 2017: **Youtube**. 1 vídeo (8 min e 33 segs). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=blglq25aomk>. Acesso em: 10 de jun. 2022.

RUBBLES KINGS. Direção: Shan Nicholson. Produção: Jim Carrey. Material de Arquivo: Afrika Bambaataa; John Leguizano. EUA, 2015. **Netflix** (71 min).